

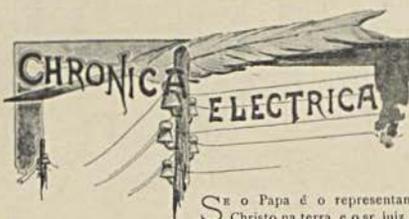
BRASIL-PORTUGAL

1 DE JUNHO DE 1900

N.º 33



Matta do Bussaco



Sr o Papa é o representante de Christo na terra, e o sr. juiz Veiga o representante da auctoridade, e os deputados são representantes da nação, e os diplomatas são representantes dos seus chefes de Estado, se o systema que nos rege é o representativo, se o theatro é a representação da vida, e se tudo isto afinal não passa de uma representação, porque é toda esta ferrenha campanha de pares, deputados e jornalistas, que nem á mão de Deus padre querem que o sr. presidente do conselho se faça representar em S. Bento?!

O chronista do *Brasil-Portugal* vem muito á puridade confessar n'esta columna que não percebe semelhante teimosia, que tem sido a ordem do dia quasi unica nas duas casas do parlamento.

Em vão se levanta o nobre ministro dos estrangeiros para clamar: «cá estou eu que sou conselheiro d'Estado e que tenho direitos de antiguidade prompto para responder por todos os actos do sr. presidente do conselho e ministro do reino.»

E ainda o illustre estadista não tem acabado de mostrar á camara que em tudo e para tudo o sr. José Luciano de Castro deu homem por si, já ao lado d'elle está erguido o sr. ministro da justiça para dizer stentoricamente: «alto lá, que quem tem voz aqui, sou eu, sou eu que pela hierarchia ministerial *et par droit de consule* tenho o direito de representar o chefe do governo.

Debalde, o sr. conselheiro José Luciano de Castro envia officios á mesa da camara dos pares declarando que, para o caso de qualquer aviso previo, se representa por aquelle dos ministros que se der habilitado para responder por elle — officio que não pode corresponder ao fim delicado que teve em vista, porque em vez de acalmar despeitos deve exacerbal-os — baldado é tudo isto, porque a opposição, voz em grita, quer para ali o presidente do conselho, quer que ponha tudo de sua casa, quer que responda ao milhão de avisos previos que o presidente tem sobre a meza, quer que se cumpra enfim á risca o velho ríto: «Quem tem boca não manda assoprar.»

De fórma que o chefe do governo portuguez está na posição de um homem que não arreda pé por ser com o mesmo vigor puxado para dois lados. De um lado a opposição, do outro lado os medicos. Ella a puxal-o para a camara, elles a puxal-o para a cama, e elle no seu posto, equilibrado, firme como uma rocha. E' um caso de equilibrio muito notavel, porque não há nada para desequilibrar tudo como uma doença, e é exactamente este motivo perturbador que está equilibrando a situação politica do reino, mais ainda, que está sustentando o governo.

Perante a inabalavel firmeza do nobre presidente do conselho que resiste á desbragada teimosia de uma opposição inteira, não ha que recear, o governo não pode cair. Imaginar-se que tal razão podia ser a origem d'essa queda, tem sido um erro palmar. «Homem doente homem para sempre» diz o dictado, e a opposição se reflectisse melhor, devia paraphraseal-o d'esta maneira: «Presidente do conselho doente, governo para sempre.»

A *Chronica Electrica do Brasil-Portugal* felizmente não tem politica. Na hypothese de a ter, e de ser politica opposicionista, e de querer que subissem ao poder os seus amigos, só uma coisa pedia do coração a Deus Nosso Senhor: que desse saude ao sr. presidente do conselho, que o restabelecesse quanto antes, que lhe concedesse annos de vida largos e bons, e que lhe mettesse quanto antes nas mãos as redeas do governo. Era, sem duvida, a fórma de perder o cavallo o freio e... chapar-se.

Andaram para ahí os sabios a prégar que o eclipse total era em Ovar e em Vizeu, e que em Lisboa á força de parcial, era quasi invisivel.

Quem não é parcial, podemos affirmal-o, é quem escreve estas linhas. E a imparcialidade e a justiça manda que se diga que eclipse total, total, foi em Lisboa. Sabem porque? Por um motivo muito simples, que convem explicar, para que a ninguém reste duvidas.

A ultima contagem e divisão da população da capital obedeceu ao

critério estatístico do exodo. Isto é, a gente que sac ou que vac sahir E então apuraram-se tres turnos: os que foram para Roma, os que foram para Paris, e os que ainda não tinham destino ainda. Ora aconteceu que nos ultimos dias do mez, não se viu na Avenida, nem no Chiado, nem na rua do Arsenal, nem no Terreiro do Paço viv'alma. Eclipsou-se toda a gente. Todo o resto da população estava em Vizeu e Ovar a assestar telescopios para o sol. Se lá viram estrelas ao meio dia ainda não está bem apurado. Mas o que se apurou e resolveu é que em Lisboa o eclipse... de gente foi total.

E ainda a esta hora, para honra e gloria de todos, não sahiram da sua admiração e surpreza as outras capitales da Europa ao reconhecerem que a velha cidade lusitana era um ninho de astrónomos e... socios da Sociedade de Geographia.

Brasil-Portugal



NO BRASIL

SONETO

Cahia a tarde. Pallido e descrente,
davidando, pensava, e allucinado,
nas torturas fataes do meu presente,
nos sonhos que sonhei do meu passado.

Minh'alma triste, scismadora e ardente,
interrogava o espaço immaculado...
Lá onde reina a paz eternamente,
onde reside um ideal sonhado!

Não vi morrer do sol o lume vivo,
nem surgir o luar meditativo,
rasgando docemente o branco véu...

Só despertei de minha scisma quando
vi teu encantador olhar brilhando
como Vésper na téla azul do céu!

DIA NO CAMPO



A TARDE principiava a coar-se através das grandes arvores da nossa deveza. Os campos estavam solitários, n'este, n'aquelle, dois ou tres bois como esquecidos.

Tinhamos passado o dia pouco communicativos e repassados de uma doce saudade maguada: e, sem me sentir com coragem de lhe dizer que abrisse o piano, poisei sobre a cadeira a rabeca que quiz fazer cantar e que gemeu em tom menor uma amargura. Eramos tres ha dez mezes e somos só dois agora. E, como o pequenito morrerá aqui, desde então a nossa casita de campo, aldeã e branca, no declive d'um monte verde, entre pinheiros, fechou-se e nunca mais falei n'ella.

Quando me pediu que voltassemos quiz dissuadil-a ternamente; mas ella tinha o riso nos labios; e um ramo de flôres outonaes para a campã do nosso filho, uma visita matinal ao cemiterio que é como uma singella quadra campestre, a missa conventual dita pelo tio José na egreja fresca, o almoço na nossa salita de jantar rescendendo ainda a lua de mel... ó coração egoista! attraiste-me e não fui superior ao encanto d'um dia recolhido com ella na pacificadora natureza. Ainda para mais a quadra ia deliciosa e eu amo o tempo em que as arvores se despem dos seus atavios e entram na meditação e na penitencia.

O dia estava bellissimo, os caminhos cheios de sol e ainda humidos das chuvas anteriores.

De manhãinha atravessamos a aldeia com o nosso ramo de flôres na mão. Uma pontida de pallidez davalle mais realce ao rosto meigo.

O cemiterio estava alegre, tinha muitas rosas de toucar e o seu muro caiado, ao fundo d'onde se descortina o rio e um panorama de verduras. Ajoelhamos piedosamente na campã de nosso filho: cantava n'esse momento uma avesita n'um carvalho proximo e o sino dava as primeiras badaladas. Ella limpou os olhos e fômos então beijar a mão ao tio José e ouvir-lhe a missa.

Durante o dia houve mesmo occasiões em que nos rimos — quando as abelhas zumbiam nas sebes, o sol era tepido, e uma cantiga de amor se ouvia a toda a voz, lá em baixo, na volta de um caminho. Mas sobre a tarde não tive coragem de lhe dizer que abrisse o piano e, poisando a rabeca, vim sentar-me, junto d'ella, n'esta bella varanda imminente a um grande e encantador pedaço de campina e rio.

E' então que o sol começa a descer sobre a nossa deveza. Um homem só, ao fundo, vaé pelo atalho que conduz ao monte.

Encostada á varanda, silenciosa e séria, ella está recolhida ao seu coração. Ora, em verdade, o pequerucho era um encanto, tinha os olhos da mãe, côr das violetas bravas, e uma frescura só comparavel á de rosa em abril, ao vir do sol.

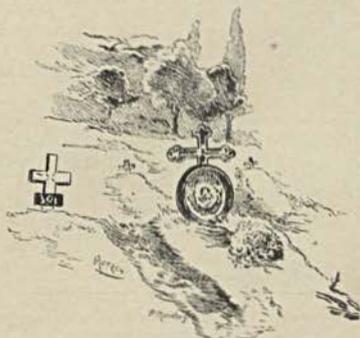
Do lado esquerdo, a meio da encosta, encoberta nos ramos dos olmos e sobreiros, percebe-se a pequena fachada da egreja, a torre com o seu enorme sino; mais para traz a residencia, na frente da qual na primavera corre, como uma grinalda, uma glycinia roxa. E por entre o massiço do arvoredo, ao lado, sóbe no ceu um alto e esguio cypreste. Em frente os longes esfumam-se gradualmente e transmudam-se em cinzento escuro as côres ternas da luz. Um ou outro grito de ave que corta o silencio, enquanto n'uma sombra do monte desaparece uma ermidita em que se faz uma devoção pelo estio.

Oh! como é suave e doce ao meu coração a melancolia e a saudade! Senhor! para que lh'o levaste? tens tantos! e ella não tinha mais nenhum, era o seu unico!

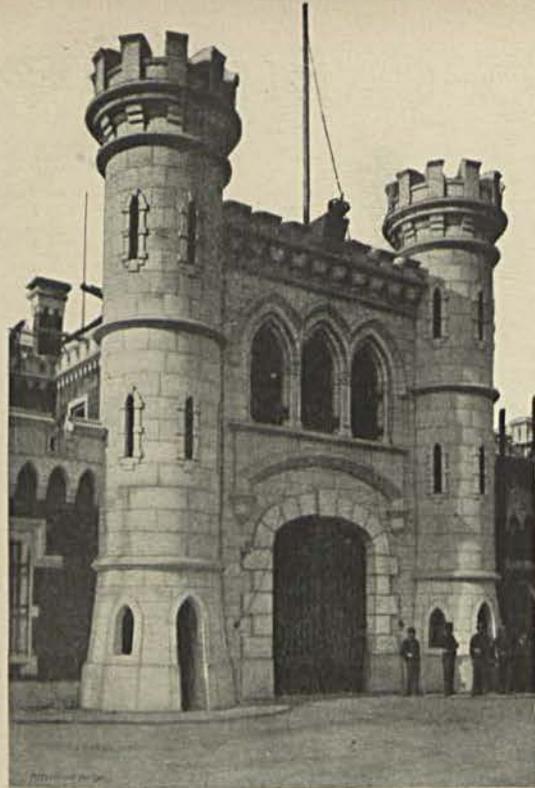
Pica uma estrella o ceu, é o final da tarde. As arvores já se confundem em massas, como se para dormirem se chegassem mais umas ás outras; alongam-se as sombras no rio que parece nem correr de adormecido; sóa o *Angelus*... e dos olhos d'ella, serenamente, as lagrimas correm silenciosas, o cypreste torna se mais escuro, e no ultimo adeus da luz branqueja ainda o pequeno cypso funebre junto do qual deve estar devotadamente poisado o nosso ramo de flôres outonaes.

Porto.

Gulherme Gama.



A PENITENCIARIA DE LISBOA



A fachada

A PENITENCIARIA de Vallo de Ferreiro, entre dois muros verdes, parz lá do muro da circunvalação, essa vellica Bastilha que se chama Penitenciaria, enganara qualquer incauto forasteiro. No arremedo penitenciarmente medieval da fachada com simulacros de relevos e ameias verá o desprevido um muro ingenho de qualquer rico de mau gosto. Isto de longo... Que se se lhe approximar logo um pavor o almoranta decerto resumado, através das grades e paredes, da silenciosa angustia das quinhetas alas que ali jazem emparedadas, vivas.

Quem n'uma perspectiva de balão lhe conseguir abarcar d'um só golpe o complicado do seu fabrico advinhara em tão na subtiliza esghehosa e estranha das divirões, no repartido das muralhas, na espessura dos gradeamentos, uma feia requintadamente cruel feida pelos homens da justiça — os que vivem do crime! — para apañar e veneno de mos cas peccadoras. Moscas peccadoras que esse monstro que ali vêdes abeberado na torreira do grande sol, deve no labor da sua asquerosa digestão — triturar ceberros! — transmutar em cherubins sem macula.

Como? Queris sabe-lo? Tentas roubar um rico. Ora roubar um rico se lenda fome, sobretudo se lenda muitissima fome, é um grande crime, mesmo o maior dos crimes visto que é attentar contra o urdimento geral da Sociedade — da bella sociedade — que manda que a tua bocca seja menos feiz que o barril do lixo do repleto.

Tentaste pois roubar um rico... e succedeu que no desaire da tua intenção, o rico resolveu não se deixar roubar, e levou a resistencia ao extremo de apontar com decisão o burco do seu revolver ao teu estomago sem volume, e investe tu, sem saber como, de lhe sentir o pescoço claramento nos teus decarados dedos.

Estão cogaste... apertaste... e o rico morreu como se fosse um pobre, visto que nem te nomeou seu herdeiro universal!

Fugiste... mas reconsideraste, com fome de perro e remorso de villão, e lá te foste entregar a justiça.

Confessaste o crime, o que não impedi que essa justiça levasse mezas a decidir que é tuas feiz, e por fim em pleno Tribunal um homem recto — o teu advogado — provasse que não tuas feiz.

Portanto entra.

Desces do carro cellular, tanto ainda d'uma caminhada de mysterio, com a impressão de que te raptam, vés de perto talvez pela ultima vez muito cheia de sol essa fachada cor de chocolate, atravessa a abobada da entrada, deitras n'um corredor alvo de cal, indicam-te uma pequena porta, entras, rapam-te a face e o cráneo, e sem cabelo e sem barba andas o resto do corredor. Uma porta de ferro range horripilantemente nos gozcos, depois outra... e tens para dez annos de castigo.

Consente-se que endoideças... mas evita-se ha que te mates... porque é preciso que soffras... E toma bem conta n'isto: que se enlouqueceças com cura possivel e se em hiltafolles te tratarem alguns mezas, não se te conta esse tempo em penitencia — tens que os cumprir depois na tua cella.

Por conseguinte não hesites... endoidece de todo... e para sempre.

Mas entretanto vés-te dando na repouira um envolar — a tua mortalla — com um capuz especial, saco de tres buracos onde tens que enfiar a cabeça para que se o teu cráneo estoirar não lhe vão os estilhaços ferir alguém e fazer de ti um reincidente.

Tomas depois um banho. Vestes o teu fato novo, collocam-te ao peito uma chapa de metal com um numero. Fazem-te entrar na cella.

Passas pois a ser simplesmente isto: um numero.

Portanto adeus... e já sabes... trata d'endoidecer na impossibilidade de te poderes matar. Vou ver o ventre ao monstro.

Estão as cellas dispostas em seis alas irradiando de uma parte central — observatorio e em tres pavimentos. As alas são denominadas com a designação das seis primeiras letras do alphabeto.

Em cada uma das alas correem lateralmente as cellas. O numero total de cellas é de 735.

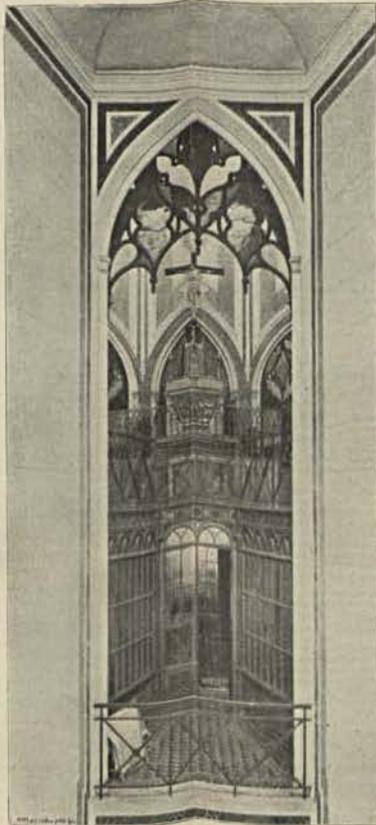
A distribuição cellular é marcada exteriormente nas paredes de cada uma das alas pelas estreitas janellas que a percuram com sua espessa barra horizontal, abertura esta feita na parte superior de cada cella.

Ainda com vista para esse observatorio central e no intervallo de cada uma das alas ha os chamados amphitheatros donde as respectivas vistas ou culiculas os presos assistem á missa ou ás aulas. Esses amphitheatros são um processo arriere e simples de mirarem o mesmo ponto 80 ou 90 creaturas sem mutuamente se verem e são constituídos por series de guaritas alinhadas, com entrada posterior ou anterior e uma abertura á altura da cabeça, guaritas para onde a um e um os presos se dirigem e onde só depois de encerradas e fechadas podem tirar o capuz.

A missa assiste-se em silencio. E nas aulas se alguma duvida por acaso tiver, como haja o pressa prohibição de falar, manifestara o preso a vontade que tem de ser esclarecido batendo na madeira do cubiculo; o mestre toma então nota do seu numero e a explicação será feita depois na sua cella.

No pavimento superior da parte central está armado o altar disposto de forma a ser visto de todos os amphitheatros a um tempo. No segundo pavimento e em frente a cada um dos amphitheatros ha um espaço onde os professores fazem as suas prelecções.

No topo terminal de cada uma das alas, ao rez da terra nascem, em leque, os chamados pátios de passeio, pequenas tiras muradas — cellas com o ceu por tecto — em forma de sectores com o seu centro no topo dessas alas donde



A capella

um só guarda os pode vigiar todos por tantas frestas quantas as talhadas de terreno. Esses pátios de passeio com dez passos talvez de comprimento e menos de largura tem ao fundo um thelheiro para resguardar nos dias chuvosos, e alguns tem flores ao centro.

Pode ahí, como em geral sempre que se conserve isolado, descarapucar-se o preso. E só ahí pode fumar.

Na cella o indispensavel. Estreito catre de ferro, uma tira de madeira á laia de meza, outra mais baixa servindo de banco, um lavatorio, um bico de gaz, uma abertura na parede para o balde das fezes — e na porta uma abertura para a marmitta da comida e uma pequena vigia de vidro onde o guarda, fora, pode encostar um olho.

Na parede fronteira ao leito duas molduras enquadramo impressos: Deveres dos presos e Pensamentos e maximas moraes — O primeiro é o programma da sua triste vida em 16 artigos. O segundo é a philosophia christã a d'lar-lhes conjuntamente em resignação e em remorso.

Entre as alas e ainda no espaço que escapa do occupado pelos amphitheatros arrumam-se a rouparia, lavanderia, enfermaria, cozinha, casas de banho e padaria.

Cada uma d'estas secções é de simples e habil organização.

Na cozinha onde se prepara diariamente comida para uma media de 500 pessoas os caldeirões são aquecidos por meio de vapor e bastam apenas dois ou tres homens para o serviço.

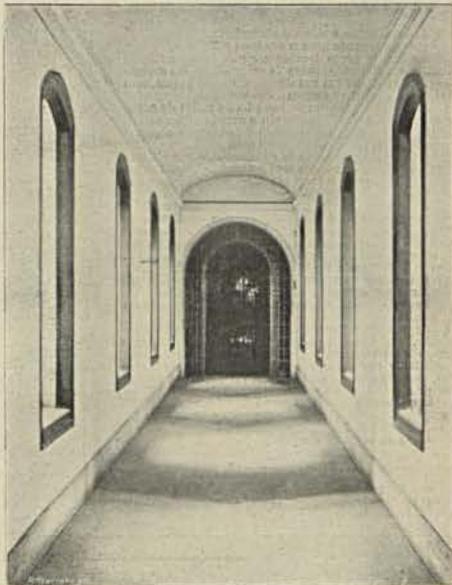
Na padaria os fornos são de soleira movel, e amplos como são, apenas um homem basta para lhes fazer mover o laboleiro. Fabricou-se durante muito tempo nesses fornos pão para os hospitales. Na lavanderia a secca da roupa e começada por dessecção e acaba em seccadouros especiaes.

Em todos estes aquecimentos é a temperatura do vapor gerada numa machina central que se aproveita.

Os penitenciaros podem servir em qualquer dos serviços diarios e correntes como por exemplo na lavanderia; quando isso acontece a incomunicabilidade d'elles conservada, havendo para cada um a sua cella com disposições especiaes para a lavagem.

Na enfermaria as cellas são mais amplas, o colchão molle, e assalhado a madeira o pavimento.

Acaba-se no momento o hospital prisão, largo edificio annexo, com a disposição geral de six alas, e proximoamente quarenta cellas, amplas, de soleira movel, facilmente desflectaveis.



A entrada

A vida do recluso é necessariamente lugubre, como querem que o seu pensamento seja.

Ergue-se com o nascer do dia; lava-se; arruma a cella; toma uma refeição de café com leite que lhe é entregue pelo postigo especial da porta, e a essa hora recebe o pão para todo o dia.

Pelo regulamento o preso, é obrigado quando não tenha meias ou a familia não lhe acuda com o preciso, a trabalhar em officio que lhe traga provento.

Ha os portante carpinteiros, marceneiros, sapateiros, encadernadores, vassoureiros. Se o preso tem um curso secundario ou superior, podera querendo ser dispensado desses trabalhos dedicando-se a occupações que o regulamento denomina (productivas) como escrever e ler.

O trabalho nunca é em commun.

As cellas tomam então outro aspecto com as ferramentas e apetrechos do officio a quebraem-lhe a monotonia.

E tanta propensão ha para lhes escanzalhar a insulsa gravidade, que certos instinctos lhe enfeitam nas paredes brancas com festões entrançados de papel de cor como nos lahos.

E se succede a chamada educação religiosa encontrar no momento, a hypocrisia apparente ou não, accção no sonhegado, fornece-lhe os capellães e missionarios estampan de santos, e d'ahi resulta uma mancha polychroma parede acima, entre os artigos do regulamento e os de Deus.

Tem cada preso uma hora de ar livre diaria, os pátios de passeio, unica em que pode fumar, quando possivel bateres para isso; a conducção para o passeio faz-se por secções; o guarda abre as portas das respectivas cellas; a um silvo do guarda cada um dos presos sae da sua cella e tira a um passo, e o novo silvo tem de caminhar atraz do que lhe está na frente e guardando conforme o regulamento manda a distancia approximada de seis passos; distribuidos uns apos outros pelos pátios fechados os respectivos portões gradeados, pode então o preso descarapucar-se, fumar, dar uma porção de passos seguidos.

O tempo de trabalho é de dez horas e o do repouso nunca devera exceder isto. A's onze buras e á tarde novas refeições correspondendo a janlar e trvia.

A's dez horas da noite é apagado o bico de gaz que cada preso tem na sua cella, e é-lhe permitido então dormir. Para caso d'alarme ha em cada cella um manipulo com que o encclusurado pode fazer tocar exteriormente uma campainha.



Uma ala



Um preso

accusador — bradasse que em vez de um linhas feito dois crimes, e outro homem recto — o teu advogado — provasse que não tuas feiz.

Portanto entra.

Desces do carro cellular, tanto ainda d'uma caminhada de mysterio, com a impressão de que te raptam, vés de perto talvez pela ultima vez muito cheia de sol essa fachada cor de chocolate, atravessa a abobada da entrada, deitras n'um corredor alvo de cal, indicam-te uma pequena porta, entras, rapam-te a face e o cráneo, e sem cabelo e sem barba andas o resto do corredor. Uma porta de ferro range horripilantemente nos gozcos, depois outra... e tens para dez annos de castigo.

Consente-se que endoideças... mas evita-se ha que te mates... porque é preciso que soffras... E toma bem conta n'isto: que se enlouqueceças com cura possivel e se em hiltafolles te tratarem alguns mezas, não se te conta esse tempo em penitencia — tens que os cumprir depois na tua cella.



Gabinete do Cons.º Antonio de Azevedo Castello Branco
DIRECTOR DA PENITENCIARIA

Aos domingos a missa é obrigatória.

Quinzenalmente ouvem predicas religiosas.

Se algum preso tem de ser punido por qualquer falta ao regulamento, passa ás celias chamadas de castigo, com tarinhas em vez de cama, duplas portas, sem luz e por alimento ás vezes... pão e agua.

Para epilepticos ou furiosos ha as celias de segurança: almofadadas lateralmente a grande altura encastreado de colchões o pavimento e pode então o encastreado bater com a cabeça onde quizer.

Quinzenalmente pode o penitenciario ser visitado pelos parentes e amigos que se tenham previamente munido de licença, e reconhecendo-se-lhes (é do regulamento) a precisa moralidade.

A visita é considerada como prelo a exemplar comportamento, e é feita no parlatorio, abertura gradeada, feita em toda a espessura de uma parede comum ao muro d'uma das alas e ao corredor da entrada. Visita e preso mal se veem, a visita e ao preso ha falar á vista. O tempo da visita é curto.

É corrente na sua cela o preso gesticular e falar só.

A correspondencia é toda vista pelo director.

Se enoidecem, o que é corrente, vão ás vezes para hialhofes.

Se morrem communica-se o epilogo á familia.

Se, por sorte, terminam sem avaria de maior a tempo de prisão, entrega-se-lhes o fundo de reserva constituido por parte dos lucros auferidos pelo trabalho, e entra-se, para estudos de criminologia, de lhe seguir a orbiã, não o perdendo nunca de vista, observação que a policia fará... como quem continua a perseguir um credor que parece ter pago a sua divida... á bella Sociedade!

É espera-se quasi sempre... que volte.

Eis a tua vida pois... idiota... se matares o Rico.



Cosinha

Mas como supponho que não tens fome, nem coragem, lá antes a historia de alguns de quem podias muito bem ser companheiro se o episodio do começo não fosse uma hypothese.

É de um dos relatorios da Penitenciaria :

«Uma vez entrou aqui um preso, e estava ainda nas celias de espera aguardando a chegada do barbeiro, para principiar as preliminares operações de limpeza que lhe dessem ingresso no interior da cadeia, quando foi tor com elle.

O homem, de mais de sessenta annos, mostrava-se profundamente abatido, e tristemente preoccupado com o aspecto da prisão. Olhou para o ventilador e perguntou-me se era por ali que entrava a agua em que os presos viviam mergulhados! Poderia escovar o seu espirito fraco e avassalado por tão insalubres ideias.

Não dormiu n'uma noite, nem um segundo, sem quiz comer; ao terceiro dia era completo o desarranjo das suas faculdades.

É este um dos presos a que me referi no primeiro relatorio, e que hoje está bom.

Ha poucos dias vi uma carta que a um preso recém-chegado entrado aqui dirigira a mulher, em que lhe perguntava se a agua que havia na cela lhe passava á tona dos joelhos! Um paé ha tempo perguntava tambem a uma carta a um filho se já tinha visto a luz do dia desde que entrara na esta prisão.

Do primitivo systema penitenciario nasceu a lenda e resultou a apprehensão de que ella produzia doidos em lugar de regenerados.

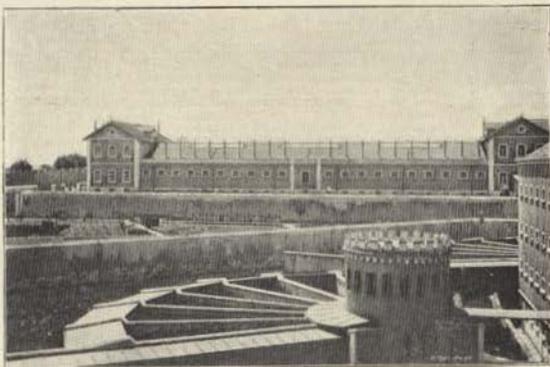
Hapas de vista para vinte e um annos, natural do districto de Villa Real, entrou aqui no dia 17 de maio de 1886, trazendo bem manifestos nos seus caracteres phisicos os signaes da sua degeneração.

Foço tempo depois de aqui estar appareceram-lhe fortissimos ataques de epilepsia, com demenciaes convulsivas.

A applicação de brometo de potasio produziu n'elle bons resultados, e os ataques deixaram de ser frequentes, e ha muito ate que não tem tido nenhum.

Uma vez, quando ella estava com um dos ataques, veio aqui em visita um distincto facultativo, membro do conselho penitenciario, que apenas o viu, logo pela simples inspecção do seu caracter phisico, formulou um juizo seguro do seu estado intellectual.

Ainda elle não tinha tido nenhum ataque, mas já o seu aspecto o denunciava logo como um degenerado. Por vezes o fui observar, e encontrei—umas vezes a caçar mos-



O Hospital Prisão e os passieos

cas n'uma attitude de imbecil, outras deitado no pavimento entretdo com o jogo do betho, ou qualquer coisa.

É apear de tudo isto aprendes a ler.

Podendo informações a seu respeito pede saber que era filho natural de uma mulher muito fraca e doente, que pouco depois d'elle nascer fora accomstida de uma hemiplegia, ficando aliçada de um pé. Elle nunca tivera em liberdade affazeres coveiros de epila, mas ária mo o delegado da comarca, tinha presenteados *foedentes* para o cello, chegando a empregar meios violentos para foyar rajagigas menores. Quando se lhe falava n'isso, via com um riso alzar de imbecil, e lamentava a morte de uma jumentada depois da sua vida para aqui.

Na masturbação deu aqui demonstração do seu instincto genético.

A sua constituição é fraca, e o seu temperamento pronouncadamente lymphatico.

.....

Ha pouco tempo entrei uma noite na cela do segundo d'aquelles presos; tendo, antes de entrar, apressado, vi-o mergulhado na sua habitual concentração, com os olhos fixos no pavimento, e com um aspecto de profunda melancholia. A noite estava frigidissima, como tem sido as dos ultimos tempos; eu ia embrulhado n'um capoto, e elle estava com a jaqueta aberta e vestido com a roupa de linhamen. Perguntei-lhe como estava e se ha muito não tinha tido nenhum ataque epileptico. Respondeu-me: — Nada, tem pouco; foi um maluco dos meus irmãos; não posso estar bem porque estou aqui ouvindo provecções constantes que elles me dirigem; esse Domingos que para ahí está quer que se pague por elle, e para o pringirem, conservam-me aqui a mim, que já acabei o tempo da minha sentença. Ha boacido vi-me aqui lido perseguido e tão mortificado, que cheguei a alar ao pescoço o tempo de assaar para me matar.

Aquelle Domingos é um este imaginario, que elle considera um inimigo.

.....

«Estágo. — Natural do districto de Bragança, de trinta e tres annos, viviu sem fillos, analfabeto, foi soldado de cavallaria e depois jornalista.

Dois entrado aqui em 6 de março de 1886.

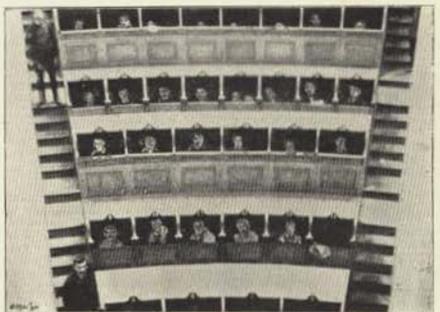
O seu olhar fixo e espantado, o modo como se apresentava, e outros mais indices denunciaram-o desde logo, como candidato á loucura; commo as manifestações só principiarão a dar-se depois do terceiro castigo que lhe foi imposto por faltas disciplinares.

No mez de dezembro pronouncaram-se de uma maneira evidente.

A loucura religiosa, com o caracter depressivo ou de monomania religiosa, pareceu-me que tinha ali um exemplar; accomstiamos ideias religiosas de condemnação eterna; passava horas e horas a rezar; todas as estampas eram para elle linguas de santos, não as das calzas de phosphoros. Aversão á comida, insomnias, continuado choro, hesitação da palavra, tremor nos membros e principalmente na face e na lingua.

Serão estes ultimos symptoms prodromo de uma paralyza geral? Inclinou-se a isso o medico adjunto.

As informações officiaes declaram que os accedentes eram dados em excesso ao seu



Os presos na capella

de bebidas alcohólicas; e pae soffreu de uma hemiplegia esquerda, consequencia de um insulto apoplejiforme; e que o preso se entregava com excesso ao abuso dos prazeres sensuaes.

Falando dos presos sahidos:

«Era de Cabo Verde o quinto preso que sahia; de côr preta, de vinte e cinco annos de idade, moltoeiro, e amalphaeo.

Havia sido soldado de caçadores 1 da Guiné.

Entrou n'esta prisão em 29 de novembro de 1885 por crime de roubo e foi solto em 4 de abril.

Empregou-se no serviço da lavanderia, de que tiroo para seu fundo de reserva, entregou a sahida, a quantia de 13\$67 réis.

Aprendeu a ler e a escrever, e alguma coisa de contabilidade.

O seu estado physico a sahida era muito bom; nunca agra esteve doente.

Teve muito bom comportamento, e deu indicios fortes de que a pena teve sobre elle salutar effeito moral.



O Patco

Mas perderia elle os ensinamentos de aquil levou arrastado pela necessidade? Será elle mais um protesto vivo contra a falta da creação de associações de patrocínio?

Esse rapaz sahia d'aqui, ao que parecia, nas melhores disposições de espirito. Pediu trabalho e encontrou-o nas obras municipaes; depois foi despedido por haver abundancia de braços, segundo lhe disseram; procurou-o n'outras partes, não o encontrou. Viveu do seu pequeno pecunio enquanto este durou; depois, quer v. ex.ª saber em que se occupa este homem vigoroso, cheio de boa vontade para o trabalho e que mostrava as melhores disposições para se regenerar?



A entrada no passeio

Quando a fome o apertou aproximou-se de uma barraca de espectaculos baratos da feira, ou'outra chamada das Amoreiras, e hoje não sei com que destino a e ali offereceu ao empregario, a troco de alguns vintenns por noite, a especialidade da sua côr preta, para se exhibir no publico em danças barbaças!

Ao fim da noite sentia-se cansado sem ter uma senexra em que repousasse das fadigas da dança, segundo elle contou a um guarda d'esta cadeia, que me narrou aquelle facto.

Mandou procurar para vêr se lhe conseguia um trabalho em que honradamente podesse ganhar a sua vida com menos fadiga e menor risco de se perder. Já lá não estava.

Dias depois o capello encontrou-o sentado n'um banco da praça de D. Pedro. Reconhecendo-o e lavado por um louvavel e caridoso sentimento chamou-o

para se informar da vida que elle passava.

Sabendo que debalde tinha buscado trabalho disse-lhe que me procurasse para vêr se eu lhe conseguia; não me appareceu.

Não soube mais d'elle, mas n'aquellas condições não é de recuar que a despeito das suas boas disposições as circumstancias em que se encontrava restitua-lhe a liberdade e arrastassem novamente ao crime o qual que assim não aconteça.

De outro relatório é esta curiosa informacão:

«A classificacão da tatuagem, segundo a natureza dos emblemas, dá este resultado:

16 Emblemas religiosos,

Recordações amorosas, 17,

Recordações de familia, 4,

Emblemas obscenos, 4,

Emblemas symbolicos, 1.

Nos outros 23 a tatuagem não apresenta nos seus desenhos um caracter unico pelo qual se possa accentuar especificamente a sua idéa representativa. Ao lado do emblema religioso está um signal symbolico ou uma recordação amorosa, um coração atravessado por uma ou mais setas, quando não é uma obediência.

Pelo que se refere a natureza dos crimes, 36 foram condemnados por crimes contra a propriedade, 29 contra as pessoas, sendo 2 por estupro e 1 por crime contra a religião, apesar de ter no braço gravado um crucifixo.

São hauctos certos alguns desenhos, cuja descripção não faço porque seria fastidioso para v. ex.ª. Notar apenas um pela originalidade da idéa. É um tumulo com uma arvore e as letras F. A. F. e as palavras «A memoria de um amigo fallecido». Perguntando-me elle o que significava aquillo, respondeu que não tendo meios para levantar um mausoleo de mármore á memoria do seu unico amigo, quiz por aquella forma prestar-lhe um tributo de saudade.

Nos 36 condemnados por crimes contra a propriedade, 30 são reinvidentes, alguns já estiveram em Africa cumprindo sentença, e outros têm uma porção de crimes da mesma natureza.

Por mera curiosidade direi a v. ex.ª que esta industria tem na cadeia do Limoeiro a sua tabella de preços. Gravar um crucifixo, custa 500 réis; duas letras e uma olive, 100 réis; cada letra 50 réis; um signo sainado, 60 réis, etc.

Inquirido de alguns presos as razões por que se sujeitavam aquella operação, as suas respostas variavam, eram as recordações da familia ou amorosas, o espirito de imitação e ostentação.

Lombroso, debaixo do seu ponto de vista de que quer approssimar o criminoso nato do homem selvagem e vendo que a tatuagem é frequente nos povos barbaros ou para adorno, por isso que se apresentava nus, ou para satisfazer as suas absurdas noções de religião, dá uma certa importância á questão da tatuagem nos delinquentes.

Como já disse, não me parece que isso tenha uma grande significação e seja uma prova de valor para attestar a degeneração do criminoso.

É sabido de toda a gente que os *habitués* das prisões, os criminosos de profissão e principalmente os larapios, têm uma linguagem sua, o coido, de que usam querendo referirse ás pessoas ou ás cousas que elles podem interessar o seu modo de vida.

O sub-director tem feito uma interessante collecção d'esta gíria, que tem apanhado nas suas investigações feitas a alguns presos mais conhecedores d'esta litteraria prisão.

Ao acaso apontar algumas palavras e phrases da sua gíria: *Quebra e chopa*, quer dizer cadeia. *Verdelimo*, Limoeiro. *Meio jornal*, meia sapuca, meio chapeço, 5 réis. *Meia loirol*, meia mameca, *meio grutilla*, meia libra. *Patrio do ferrou*, juiz, etc.

Leitor... não mates pelo o hico.
Leitor... se tu antes o Rico.

ARNALDO FONSECA.

Chama-se casamento de conveniencia aquelle onde todas as coisas se combinam... menos os corações.

O que é o desconhecido? — É tudo.

Um velho exclamava fallando da divindade: O Deus! porque é que de Ti eu só sei o teu nome? Este velho sabia mais do que eu.



Um preso no passeio



Carro cellular

NOTAS DA QUINZENA



Houve dois homens verdadeiramente felizes, no decurso d'esta quinzena. Um d'elles foi o carpinteiro Pão Ralo, que encontrou vinte contos de réis em libras no fóro de uma velha secretária, a que dava concerto, segundo referem os jornaes; o outro, foi o Sr. Ministro da Fazenda, que descobriu em Paris um novo empréstimo, também em libras, e com juro modico, segundo os mesmos jornaes. Mas a felicidade não é senão o lado luminoso da realidade; e o outro lado, o reverso, é sempre a desillusão. O carpinteiro Pão Ralo, que nunca vira tanto dinheiro junto, em dias de sua vida, desvairou-se, quiz festejar a fortuna cominhos generosos, e tão grande alarde fez do seu contentamento, que o dono da secretária reclamou o achado, e a policia se encarregou de derrubar os castellos que a imaginação esquentada do pobre carpinteiro edificara no ar. O Sr. Ministro da Fazenda, que também não podera supprê-se, em nenhum caso, capaz de arranjar um empréstimo a menos de 25 %⁰, quebrou o silencio systematico das suas cogitações, e entregou á publicidade, antes de tempo, a noticia de que o empréstimo podia considerar-se feito em excellentes condições, sem que, até á data em que esta Chronica fecha, tenha acontecido outro tanto ao respectivo contracto.

Os bons creditos do Sr. Manoel Affonso d'Espregueira, como estadista financeiro, vão-se avolumando numa lenda, que nos faz lembrar aquella rissonha anedocta do celeberrimo auctor da monumental obra — *O Egypto*, que chegou a ter, em França, a consagração de um publico sempre disposto a aceitar o papel de comparsa na divina comedia da vaidade humana. E' uma anedocta que bem se conta de pressa, e poderá servir, nesta altura, para alegrar a pagina, onde os assumptos que ha a retrahir e anotar nem sempre são bem de molde a entreter um sorriso á flor dos labios.

Apareceu um dia na redacção do *Figaro* um illustre desconhecido, que procurava Villemessant, dizendo que um assumpto do interesse mais palpitante o levava ali, e para elle pedindo alguns minutos d'essa preciosa attenção, que o grande empresario do jornal parisiense se dignava dispensar somente a quem lá fosse disposto a puxar os cordões á bolsa. Villemessant mandou entrar o pretendente, ouviu a pretensão, e com essa expressão sagaz de bom entendedor, para quem meias palavras bastam, fez comprehender ao illustre visitante que os seus desejos seriam satisfeitos, dizendo-lhe, á sábid:

— *Passes au guichet, Monsieur, s'il vous plait.* . . .

No dia seguinte, e no mesmo local onde costuma apparecer a noticia da estada em Paris de alguns compatriotas nossos, o *Figaro* annunciava que Mr. Guillaume partia para o Egypto em viagem de observação e estudo, a colher apontamentos para uma obra grandiosa, destinada a assombrar o mundo intellectual e culto. E esse nome desconhecido de Mr. Guillaume teve o seu primeiro momento de celebridade nos can-can's do boulevard.

Decorre um mez, pouco mais, e o *Figaro* informa o seu milhão de leitores da chegada ao Egypto de Mr. Guillaume, o auctor da obra, já então monumental, que em tempos annunciara. E a curiosidade cresce, muito naturalmente, em volta d'aquelle nome e do annuncio d'aquelle obra.

Passa-se mais algum tempo, e o *Figaro* diz que Mr. Guillaume se acha de regresso a França, com duas malas de apontamentos e factos,

que devem constituir o fundo valioso da sua estendida obra acerca do Egypto. Depois, um bello dia, o mesmo *Figaro*, pratica a inconferencia de trazer a publico, no seu primeiro artigo, e com a chancellaria de uma auctoridade quasi tão illustre como a de Mr. Guillaume, a primeira critica da famosa obra inédita.

E Mr. Guillaume, que nunca foi ao Egypto, nunca sahio de Paris, e nunca, em tempo algum, escreveu duas linhas, ficou sendo, para meio mundo, e para todos os effeitos, talvez até para o effeito de entrar na Academia — onde já outros entraram, se não com menos, com pouco mais — o notavel, o illustre, o indiscutivel — sobretudo, o indiscutivel auctor da famosa obra — *O Egypto*.

Facilmente dispostos a ferver em pouca agua, todos nós partiámos, com o Sr. Ministro da Fazenda, a satisfação d'essa boa noticia do empréstimo, e como se dia nas coplas graciosas do *Burro do Senhor Alcáide*, que a esta hora vae a caminho do Brasil, no reportorio da companhia Taveira, de saudosa memoria para o publico da Trindade — houve alegria á beira-mar. . . A todos nós, o empréstimo subiu um pouco á cabeça, e cada um de nós foi, nesse momento, quasi tão imbecil como o carpinteiro Pão Ralo, que não soube calar-se com os vinte contos no fóro da secretária. Disseram-nos os jornaes que o juro d'esse empréstimo não excederia 6 %⁰, e chegámos a achar pouco, habituados, como estamos, aos juros mais elevados nos contractos do Estado e nos empréstimos sobre penhores. Seis por cento, era de graça!

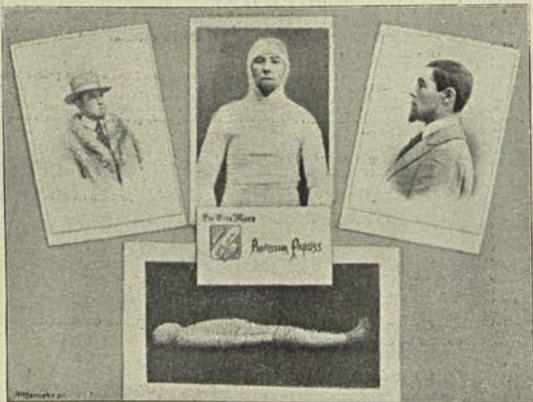
Já o encontrar quem nos fizesse o empréstimo, era uma felicidade; mais encontrar quem nos fizesse esse empréstimo a seis por cento, era a felicidade á suprema, á absoluta, a completa felicidade!

O que então se passou nestes reinos de Portugal e Algarves, foi uma coisa indescriptivel, para o que a propria phrasologia optimista do *Correio da Noite* não tem imagens bastantes, nem tropos em abundancia.

As chamadas manifestações de regosiojo attingiram o grau maximo a que as temos visto chegar no animo de um governo e de uma população tão comedida como a nossa. O Conselho d'Estado reuniu, sob a presidencia de El-Rei, e concedeu, magnanimamente, uma nova prorogação das Cortes, que irá até o dia 12 de Junho. A minoria da Camara dos Dignos Pares, que se declarara disposta a não discutir a questão do *bill* sem a presença do Sr. Presidente do Conselho, que se achava doente, consentiu afinal em discuti-la, e apenas quando se chegou á votação fingiu que sabia da Camara — mas não sahio. O Sr. Presidente do Conselho, logo que teve conhecimento d'este feliz desfecho, sentiu-se melhor, e todos crêem que elle entrou, graças a Deus, numa franca convalescencia. As questões magnas tiveram trêgua no Parlamento e na Imprensa. Os lavradores excederam no preço dos cereaes a tarifa official; os moageiros resolveram não mais fabricar farinhas baixas; os padeiros limitaram-se a manipular somente o pão mais caro da tabella.

Sendo communicada, pelo telegrapho, ao sr. Francisco Maria da Cunha, que se encontra no Brasil, a noticia de tão faustoso acontecimento, S. Ex.^a, que a principio tencionava regressar á patria logo que terminassem as festas do Centenario, resolveu ficar, contente com a representação diplomatica de um paiz tão alegre como o nosso, e accitou a nomeação. Na Camara dos Deputados, a maioria consentiu que um dos deputados republicanos pelo Porto fizesse uso da palavra durante quinze minutos, sem interrupção. O Governo, que por intermedio do Sr. Santos Junior, empresario do Colyseio dos Recreios contractara o extraordinario Doutor Papuss, para entreter a população com as suas não menos extraordinarias sessões de hypnotismo e suggestão, enquanto tivessem de ser discutidas nas duas Camaras as reformas constitucionaes, achou desnecessario esse expediente, dadas as circunstancias favoraveis em que a noticia do empréstimo deixara o animo popular e dos seus representantes em Cortes, e mandou pôr contra-aviso nos cartazes, dissimulando a verdade do caso com o pretexto de uma disposição policial, que prohibe, ao que parece, os espectaculos em que entre a suggestão. Finalmente, pelas duas horas do dia 28 do corrente mez, o disco solar começou a occultar-se de um lado, pouco a pouco destruido por invisivel causa, transformado num crescente de mais em mais delgado, e sempre diminuindo até o ponto de tornar sensivel a diminuicao na claridade do dia. A temperatura decresceu; os animas pareceram geralmente inquietos, e procuraram seus habituaes poisons nocturnos. Chegou um momento em que o Sol se achou reduzido a um delgado filamento, gradualmente encurtando, até se tornar em um ponto, um simples ponto, como que uma estrella de brilho intensissimo. De repente, porem esse mesmo ponto luminoso se extinguiu; toda a superficie solar desapareceu; deu-se o eclipse total.

O Sr. Manoel Affonso d'Espregueira chegara á janella do Ministerio da Fazenda, cruzara os braços, e encobria o Sol. E o Sol, o proprio Sol, desaparecera na sombra!



Doutor Papuss

O incendio na Rua de Bellomonte

(PORTO)

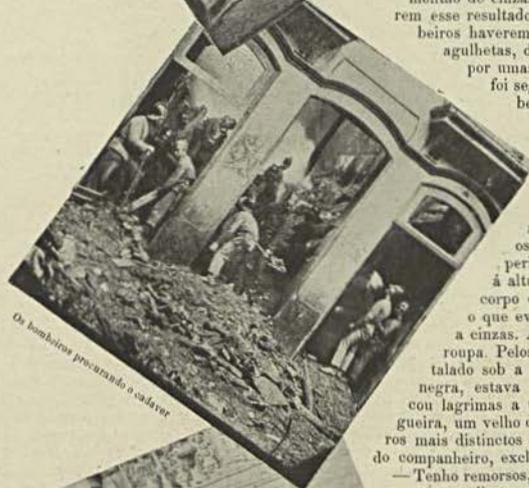
Na noite de 4 de maio d'este anno, pelas 8 horas e meia, foi a cidade do Porto sobresaltada com a triste noticia de que um enorme incendio se tinha declarado n'um grande armazem de productos chimicos, pertencente á firma Santos & Santos, da Rua de Bellomonte 44. O predio onde se encontrava o estabelecimento ardeu completamente, tendo sido inuteis, para o salvar, todos os esforços empregados pela corporação dos bombeiros municipaes e voluntarios ás ordens do sr. Guilherme Gomes Fernandes, seu inspector geral. O ataque foi superiormente dirigido: — Para evitar que o fogo se propagasse aos predios circumvisinhos, foi a casa em chammas circundada por 1.600 metros de mangueira em sete agulhas, dos bombeiros municipaes, e duas dos voluntarios que trabalhavam pelos lados norte e nascente. Foram collocados carros de escadas e carros de mangueiras, arvorando-se para a escada Magryrus onde trabalhou uma agulheta. As duas horas da manhã, porém, as chammas diminuiam, pois que todo o predio estava reduzido a um montão de cinzas, apesar de violento trabalho dos bombeiros para evitarem esse resultado. Logo ao começo do incendio e pouco depois dos bombeiros haverem entrado dentro de casa para assistarem as primeiras agulhetas, deu-se uma terrivel explosão originada, segundo se creê, por umas poucas de barricas de chlorato de potassa. A explosão foi seguida de uma derrocada que apanhou ainda na fuga o bombeiro 48, Bernardino José da Silva, casado, com 4 filhos menores. O infeliz que apenas contava 28 annos de idade ficou sepultado entre os escombros. Logo que o fogo se extinguiu principiaram com todo o ardor os trabalhos de desentulho, afim de se encontrar o cadaver do infeliz bombeiro, o que apenas se conseguiu no dia 9 pelas 10 horas e meia da manhã. Foi horrivel a scena! O corpo estava dobrado em arco, cahido sobre os degraus de pedra da escada que dava para a parte superior do predio, com as pernas enterradas no entulho até á altura do joelho e as mãos cobrindo os olhos. Protegendo o corpo do infeliz bombeiro, havia algumas traves carbonisadas, o que evitou, talvez, que o corpo ficasse completamente reduzido a cinzas. Ainda assim, ardeu completamente o capacete e parte da roupa. Pelos buracos da roupa, via-se a pelle tiznada que tinha estalado sob a acção do fogo e perto da face, reduzida a uma materia agulheta da mangueira. A scena arranque a presenciaram. O chefe Noenrgico, e um dos bombeiros, ao ver o corpo commovido:

que eu sou

negra, estava cahida a cou lagrimas a todos os rostros mais distinctos da cor do companheiro, exclamou — Tenho remorsos, por o carrasco d'estes desgraçados. Ensino-os a ser valentes para isto! Nada mais eloquente do que esta phrase dolorida e tragica.



O predio humilhado



Os bombeiros procurando o cadaver



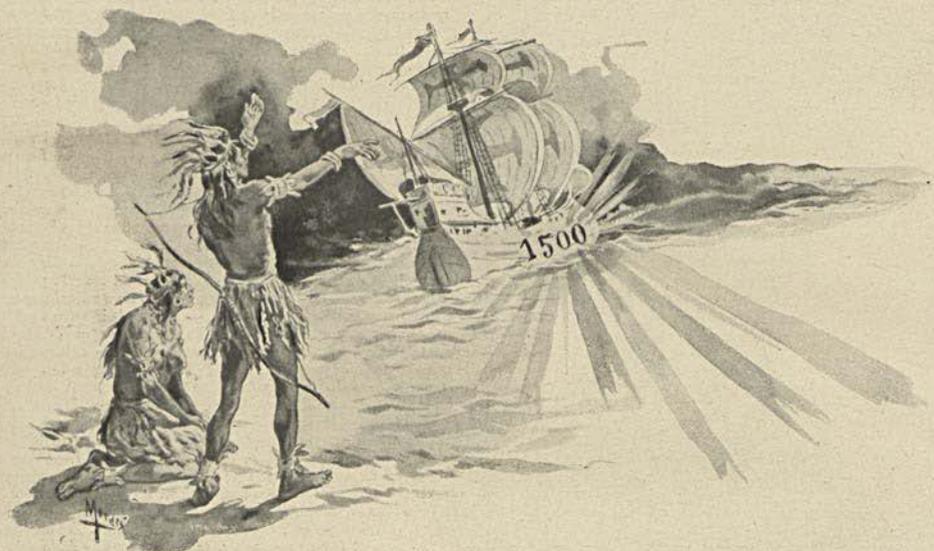
O cadaver depositado na capella do matriçulo
Cidade de Aveiro de Pão de Lóa.



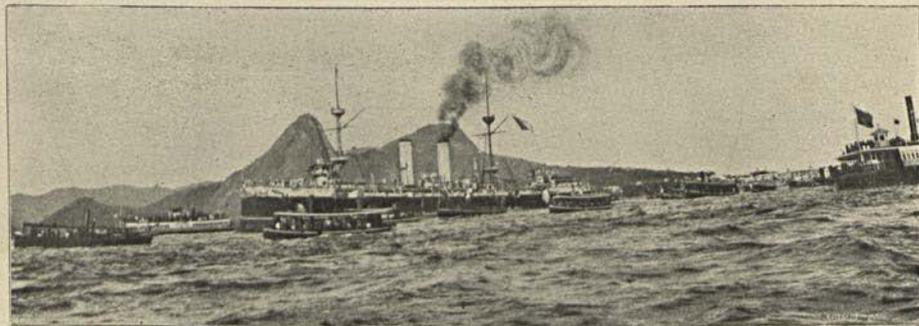
A caça funeraria no templo dos Congregados

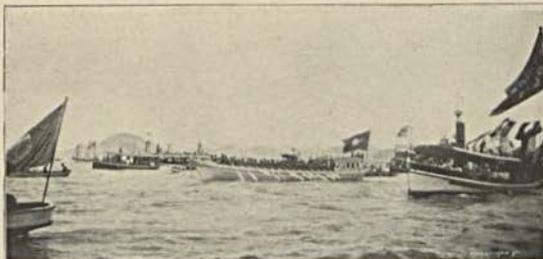
Centenario do descobrimento do Brasil

O cruzador D. CARLOS no Rio de Janeiro — Chegada do general Francisco Maria da Cunha



A CHEGADA do cruzador português *D. Carlos* ao Rio de Janeiro, conduzindo a seu bordo o representante do governo de S. M. Fidelíssima nas festas do Centenario do Descobrimento do Brasil, assumiu para o povo brasileiro, durante quatro longos dias, as proporções de um acontecimento que excedeu toda a expectativa. Uma demora inesperada em S. Vicente retardára-lhe a marcha; o facto desconhecido no Brasil espalhára a inquietação e era ver então uma multidão compacta aguardando dia a dia, durante horas consecutivas, o apparecimento ao longe do navio portuguez que ia recordar nas aguas do Rio essa frota gloriosa de Alvares Cabral que ha quatrocentos annos legára á Europa civilisada mais um caminho conhecido atravez os mares do Novo Mundo. Mas as horas corriam, os dias passavam, e o cruzador *D. Carlos* não chegava. Domingo 29 de abril, logo de manhã a affluencia de povo aos caes redobrava, os grupos cresciam pouco a pouco transformando-se n'uma massa compacta de gente, esta espalhava-se em linhas enormes, espreitando a barra, pelos morros, ás janellas mais altas, em cima dos telhados, encarapitada nas arvores, enquanto sulcavam o mar centenas de embarcações de todos os feitios e tamanhos, desde os vapores até aos pequeninos botes embandeirados cortando a agua, ao capricho das suas velas, e dando á pittoresca bahia de Guanabara, um movimento desusado, um aspecto festivo, um d'esses espectaculos grandiosos que ficam para todo o sempre na memoria dos que os admiram.





A galeota D. JOÃO VI conduzindo para o cais o general Cunha

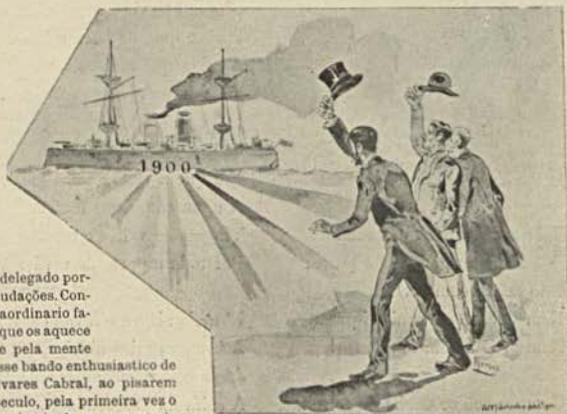
respondem as musicas brasileiras com o hymno da Carta, e todos se descobrem. Os vivas estrondosos ás duas nações irmã, aos chefes que as representam, ao general Francisco Maria da Cunha, á gloriosa marinha portugueza representada pela officialidade e marinheiros



Desembarque do general Cunha

do *D. Carlos*, cruzam-se no espaço com os milhares de foguetes que estalam festivos no ar, onde ondulam suavemente, á mercê de uma pequenina brisa do mar, as bandeiras dos dois paizes, os lenços dos que esperam, os bonnets dos que chegam, até que ás 4 horas da tarde o cruzador amarra á boia. Approxima-se então d'elle o antigo galeão *D. João VI*, donairoso, lembrando uma gondola veneziana e recebe a seu bordo o delegado portuguez acompanhado pelo secretario do Presidente da Republica, sub-chefe da casa militar do sr. Campos Salles, encarregado de negocios de Portugal, empregados da legação e officiaes ás ordens. Abi tem os leitores da nossa Revista, nessas gravuras reproduzidas *d'après nature*, o Embaixador extraordinario de Portugal, no acto de desembarcar, saudado com um enthusiasmo que faz bem ao nosso coração de patriotas, por todo um povo juvenil e generoso que no meio das suas alegrias não esquece a nação entre todas querida, e o povo a quem deve o glorioso começo da sua historia.

O desembarque, a ida para o Hotel dos Estrangeiros, n'esse dia, e depois todas as ceremonias onde o delegado portuguez apparece é tudo isso uma serie interrupta de saudações. Confundem-se no mesmo sentimento patriótico, pelo extraordinario facto que se commemora, brasileiros e portuguezes, o sol que os aquece assemelha-se ainda ao sol estival do nosso agosto, e pela mente passa-nos então como que n'um quadro gigantesco, esse bando entusiastico de navegadores andazes, seguindo ogeramente Pedro Alvares Cabral, ao pisarem depois de uma das mais arrojadas travessias d'esse seculo, pela primeira vez o solo de Santa Cruz, que quatrocentos annos volvidos, havia de ser o emporio da America do Sul!





Talvez ainda mais bellas. . .
São d'uma só côr aquellas
E estas de todas as côres.

Campos largos, avenidas,
Bosques tranquillos, outeiros,
Praias das ondas batidas,
Renques de faias torcidas,
Alas nuas de salgueiros.

Tudo o que a morte invadira
Nas derrocadas do outono,
Quando o nordeste suspira
E geme na velha lyra
Da tristeza e do abandono.

Tudo enfim rebenta agora
N'uma alegria expansiva;
Parece que, de hora a hora,
A seiva que revigora
E' mais pujante e mais viva.

São claros os horisontes
Em que a vista se nos perde,
A agua canta nas fontes,
Tingem-se valles e montes
Por toda a parte de verde.

E' mais alegre e lavada
A brancura das aldeias,
Já se ouve descompassada
A solfa da passarada
Trinando semi-colcheias.

Vestem-se os troncos vetustos
Desnudados pelos ventos,
E os mais flexiveis arbustos,
Que o inverno vergara em sustos,
Desentrenham-se em rebentos.

Cravos, rainunculos, rosas,
Papoulas, lyrios, jasmims,
Cinerarias e mimosas,
As alfazemas cheirosas
Das hortas e dos jardins.

Riem ao sol que as fecunda
Todo o dia nos canteiros,
Até que á tarde as inunda
A saudade moribunda
Dos seus clarões derradeiros!

Já da crista dos açudes
Não rompem as albufeiras
Tão encrespadas e rudes;
Murmuram como alaúdes
Tangidas por feiticceiras.

Por entre as cearas frementes,
Que ao longe parecem mares,
Ardem papoulas rubentes,
Boiam á flor das correntes
Ilhotas de nenuphares;

Pelas pastagens rociadas
De appetitosos orvalhos
Andam as loiras vaccadas,

FINS d'Abril. A natureza
Rebenta por toda a parte;
Não existe com certeza
Nem Crespo com mais riqueza,
Nem artista com mais arte!

Como o ceu se enche de estrellas,
Enche-se a terra de flores

Retinera pelas quebradas
As guizeiras e os chocalhos...

E o sol que alegre os montados
E adoça o nectar das flores,
Parece que aos desgraçados
Torna os dias mais pezados,
E mais amargas as dôres!

São como ignotos paizes
Aonde nunca amanhece
As almas dos infelizes,
Troncos mortos, sem raizes,
Que a seiva não reverdece!

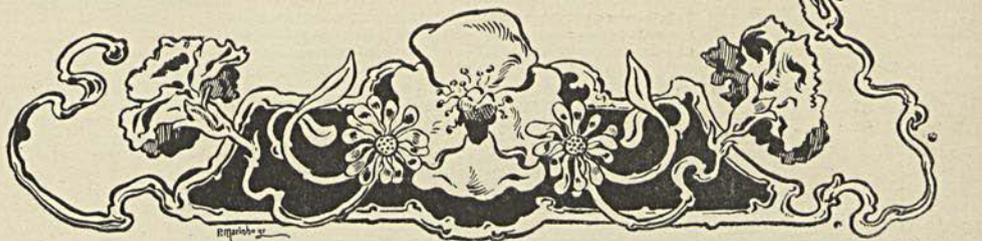
Abril! Abril! Quem me dera
N'essas almas carcomidas
Do tedio que as dilacera
Ver tambem a primavera
Brotar em crengas floridas;

Que as almas n'um captivoiro,
Sem ar e sem claridade,
Rosas sem côr e sem cheiro,
O' Deus bom, Deus justiceiro,
Que injustiça e que maldade!

MACEDO PAPANÇA

(Conde de Mouraz)

Abril, 1900



Francisco Zenha Pereira da Costa

Commendador José Maria de Andrade



Não tem mais de 37 anos este nosso illustre compatriota, pois nasceu em 1863, em Peso da Regoa, tinha apenas 13 quando entrou no Rio de Janeiro, e, de então até hoje tem manifestado taes faculdades de intelligencia, e de trabalho, que não só é o socio gerente da acreditadissima casa Zenha Ramos & Comp.^a mas tambem é uma alta figura de negociante serio, probo, distinctamente considerado por toda a importante classe commercial do Rio de Janeiro.

Tendo chegado á para tantos injevel situação social que acima fica designada, não imaginem que elle fosse capaz de pôr treguas á sua vontade de ferro e á sua actividade sem limites. Ao contrario, o sr. Francisco Zenha não segue a praxe por tantos adoptada e pelo maior numero seguida: não dorme sobre os lauros colhidos.

Do proprio trabalho cobra esforço e animo, e tão elevadamente o seu criterio regula tudo que á sua apreciação é sujeito, que em assumptos de administração e de alto commercio elle se tornou um exemplar a imitar, um modelo a seguir.

A' sua gerencia deve a casa Zenha Ramos & Comp.^a grande parte do seu desenvolvimento e do seu prestigio, e residindo desde criança no Rio, coisas e pessoas que nos interessam são tanto do seu conhecimento, e com tal desvelo ou meticulosidade as trata, que a colonia portugueza se pode ufanar de contar entre os seus membros illustres o negociante de que nos estamos occupando.

Pertencendo a uma familia numerosa que tem aquelle appellido, o sr. Francisco Zenha Pereira da Costa tão familiarisado está hoje com o que se passa no Rio e com a familia brasileira, que d'elle se pode dizer sem medo de errar: Aqui está um homem que se não fosse portuguez, desejaria ter nascido no Brasil.

De lhe prestar esta gratissima homenagem sinceramente folga o *Brasil-Portugal* que tem sempre espaço nas suas paginas para tributar ao trabalho e ao valor pessoal o preito que merecem.

Portuguez d'antes *quebrar que torcer* é um dos que honram a nossa importante colonia em Pernambuco. E' o homem procurado, necessario, indispensavel, aquelle a quem é preciso recorrer quando um obstaculo se levanta, ou é forçoso impôr uma autoridade. E aquella de que elle dispõe, vasta, indiacutivel, provem-lhe exclusivamente do caracter honesto, da vontade firme e bem orientada, e da liureza e correcção de porte em todos os actos da vida.

O commendador José Maria de Andrade nasceu na nossa formosa provincia do Algarve e não tem ainda cincoenta annos. Negociante em Pernambuco, onde é chefe da importante firma Andrade Lopes & Comp.^a, cercado de negocios, prestando constantemente o seu apoio, o seu conselho ou os seus serviços, a tantas pessoas e a tantas collectividades que lh'os sollicitam, é um enlao para o seu espirito culto e um prazer para o seu coração de patriota o recordar os encantos da sua provincia natal que atravez da distancia e da saudade, mais bella, mais evocativa e mais ridente lhe parece ainda.

Agraciou-o ha muito o governo portuguez com a commenda de Christo e nunca houve condecoração concedida com mais justiça. Porque não houve tambem quem mais do coração se entregasse ao serviço de associações portuguezas.

Provedor da Junta do Hospital Portuguez de Pernambuco, presidente da Associação Commercial d'aquella cidade, mordomo e tambem vice-provedor da Junta da Santa Casa da Misericordia, vogal da commissão executiva junto ao nosso consulado em Pernambuco, o commendador José Maria de Andrade, no serviço desinteressado de taes associações, e ainda n'outras importantissimas commissões, tanto brasileiras como portuguezas, não tem feito senão honrar o seu nome e o seu paiz, com o raro condão de ser util sem crear conflictos ou despeitos, e de dispôr de tão fino tacto social que brasileiros e portuguezes lhe querem com a mesma sympathia e a mesma gratidão.



THEATROS



SE exceptuarmos as séries de representações pelas duas companhias lyricas, a que já nos referimos, nos theatros *D. Amelia* e *Colyseu dos Recreios*, o certo é que a ultima quinzena foi d'uma escassez absoluta em materia theatro. N'esta transição, sempre critica, da epocha de inverno para a temporada estival, uns theatros fecham definitivamente, e outros apenas provisoriamente abrem, enquanto organisam novos elencos e ensaiam novas peças, seus parenthesis de pausa e de descanço.

Estão n'este caso entre nós, actualmente: o theatro da *Rua dos Condes*, onde, como já dissemos, se prepara para breve a exhibição de uma peça phantastica, de Eduardo Schwalbach, com musica de Philippe Duarte; e o theatro *D. Amelia*, onde uma empresa particular cuida de pôr, com esmero e luxo, em scena uma traducção d'aquella hybrida successão de quadros em todos os generos, meio magica, meio pantomima, *La belle au bois dormant*, quer-nos parecer que de seguro exito entre nós.

Assim, visto como, pelo momento, não temos que registrar a nossa opinião ou impressão pessoal acerca de qualquer trabalho novo, crêmos que virá de molde o ensejo para, n'um rapido exame retrospectivo, fazermos o balanço artistico-theatral da epocha que findou. Ora d'esse exame qual é a expressão integral, a resultante definitiva a tirar? — E', infelizmente, que, este inverno, a crise theatral que ahi se manifesta ha annos, (e que não é só triste apanagio nosso, pois de identico mal se queixam as outras nações cultas), attingiu entre nós o maximo, chegando pôde dizer-se ao periodo agudo.

Com effeito, durante essa longa successão de mezes, nos nossos theatros, faltaram ao mesmo tempo as boas peças e falhou a concorrência do publico. Bancarrota geral, de produção e de interesses, artistica e monetaria. Se a offerta foi mediocre, a procura foi escassa. Fraco estímulo e mau negocio. O que fez com que, naturalmente alarmados, os empregarios desatasssem a attribuir as causas d'estes deprimentes symptomas, e a arreliadora persistencia d'aquillo que os francezes chamam "la guigne, e o nosso calão theatral christomou de "perdizes,, a um

certo numero de influencias exteriores, — a grande porção de theatros, a concorrência dos circos e das companhias estrangeiras, as massadas do sêllo, as academias de bilhar, os jantares tarde, a falta de dinheiro, — a tudo, em summa, menos a elles mesmos.

E comtudo é innegavel que no relativo desamor, este anno, do publico aos theatros, entrou como factor bem importante a má administração d'elles, a falta de cuidado pelas predilecções geraes correntes, — as boas, — tratando-se de estimular apenas os baixos instinctos das plateias e a ausencia completa de criterio e gosto na organização do repertorio. Começa o mal por isto: as empresas quasi que não querem nem admittem senão peças, cujo auctor ou o principal interprete venham a ser já nomes consagrados. Mais negociantes do que artistas, preferem muitas vezes perder dinheiro, amparando teimosamente no cartaz uma peça do nome de auctor retumbante, ou em que o primeiro papel esteja distribuido a qualquer grande comico em voga, do que tentarem fazer interesses ensaiando o trabalho d'alguem auctor desconhecido, mas com talento, e confiando o seu desempenho a um conjuncto regular.

O resultado é que, depois, se o publico não cahiu na trivial armadilha, se a peça sahiu inferior ou a interpretação infeliz, a necessidade de mudar de cartaz faz-se sentir inludivelmente, e vêm então o recurso fastidioso e esteril das *repriees*, que nem alimentam a receita no camaroteiro, nem mantêm o fogo sagrado nos camarins.

Das nossas peças originaes d'esto anno, só uma, — a mais despreziciosa, a ultima, — se salvou. E, assim, as empresas, ou foram penosamente arrastando um viver apertado, á custa de muita economia e muito beneficio vendido; ou então, para lograrem ter publico, houveram de recorrer á montagem de bambochas mais ou menos inverosimeis, mais ou menos dissolventes, onde a graça provém do grotesco, onde francamente se resolvem e acendem os mais reconditos desvãos da animalidade humana, — populares o sensacionais porque uma mulher se despe em scena, ou porque uma biga rebenta sobre os hombros d'um pachá.

Aqui temos nós, muito a proposito para o caso, á vista o ultimo folhetim theatral de Gustavo Larroumet, no *Temps*, no qual tambem o illustre critico deplora a crise theatral franceza, e lhe enumera e analisa algumas das causas. Parece escripto para nós. Quantos pontos de contacto, quantas observações em flagrante, quantos justos e acertados reparos, feita a redução, é de saber, do grande meio parisiense para este ignorado recanto alfacinha! Ahi se objecta, por exemplo, ripostando aos conhecidos protestos contra a enorme porção de theatros, cuja exaggerada concorrência

Dolores d'Arroyo
(Do *Colyseu dos Recreios*)



Barytono Salvador Leon
(Do *Colyseu dos Recreios*)



Actor Fernando Maia
(Do *Theatro de D. Maria*)

a todos prejudica, que seria absurdo, seria impossível decretar hoje, em materia de arte, o esterilissimae regimen do privilegio; e que, afinal, em theatro, como em qualquer outro ramo commercial, o meio de progredir e catar interesses reside simplesmente 'em desdobrar um pouco de actividade e iniciativa, em soltar um mais vigoroso impulso contra a rotina, em procurar, honesta e constantemente, agradar ao publico para o attrahir e o conservar.,

Ahi se diz tambem que o theatro é menos concorrido porque se tornou um divertimento caro, "cujo preço excede o orçamento médio que em geral as familias burguezas podem sem sacrificio destinar ao prazer., E, mais, "que os theatros não appetecem, porque lhes falta o conforto., Ora não parecem estas duas observações feitas mesmo para nós?... Com effeito, a estreiteza, hoje, das condições de vida da classe média, — a mais numerosa, — não lhes dá ensanchas para folguedos que custem dinheiro, a não ser, muito raramente, nas grandes datas festivas do anno; e, tambem, hoje que em tudo e por tudo a commodidade e o confortavel se impõem, nos theatros, — é ver! — está-se mal, entalado em cadeiras que são verdadeiros aparelhos de tortura, supportando um calor enorme, uma atmosphera asphyxiante, e com o espirito — mortalmente deprimido pela interminavel lentidão dos intervallos.

Aqui ha já uns bons seis ou oito annos atraz, lembra-nos que o D. João da Camara, — o qual, sempre que raciocina ou produz espontaneamente, fóra de quaesquer correntes convencionaes da

moda, nos dá idéas ou emoções de valor, — se entregava com afinco ao pensamento, que apostolava com ardor, de fundar em Lisboa uma especie de *theatro livre*, ponto de partida de uma gradual renovação na arte do theatro e na educação do publico. Simples peças n'um acto começariam por ser representadas, sem papeis feitos carapuzas, em plena independencia de composição e factura, dentro dos limites, é claro, que a sociedade impõe.

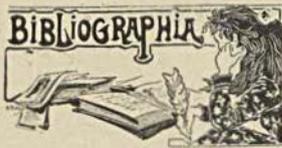
Um pequeno cenaculo de auctores estava já para as primeiras tentativas escrupulosamente apartado. Funham-se-lhes tres audições essenciaes: serem toleraveis, decentes, embora ousados; não escolherem tal ou tal actor para interpretar; e apresentarem qualquer coisa nova. E chegou a haver trabalhos feitos n'esta orientação, — sabemos nós. Depois, por varias causas, um tão bello e seductor plano abortou.

Pois hoje, mais ainda do que n'aquelle tempo, a necessidade se impõe de um revolucionario tentamen n'esse genero. É imprescindivel, é urgente a proclamação e a adequada apresentação de formulas novas, que, começando de levar, pela surpresa, de abalada o publico, acabem por conquistal-o e enveredal-o a mais largos horizontes, arrancando-o a este depravado epicurismo de picantes nudezas e infantis visualidades, que nos destempera a alma e chatinisa o espirito.

ABEL BOTELHO.



Scena da Cavalleria Rusticana — Theatro D. Amelis



Nós. livro de versos de *Afonso Gayo*. Livraria editora de Guimarães, Libanio & C.ª Lisboa.

O novo livro de *Afonso Gayo*, *Nós*, que já de maneira tão brilhante revelara um delicado talento de poeta na *Corvã d'Espinhos*, veio dar-nos mais uma prova do seu valor.

Afonso Gayo reúne, realmente, a uma empolgante sentimentalidade, uma convicção intensa e irresistivelmente singela, servida por uma arte honesta, ingenua, simples, que por isso mesmo torna especialmente notavel e amado o seu livro.

Nós, tal é o titulo do livro, é um caricioso medalhão, onde o poeta esculpiu com uma rara singeleza, e uma arte profundamente humana, a historia de um coração enamorado, com as suas phases de tormento, de angustias, de duvida, e de esperanças.

Afonso Gayo possui esta arte, que é de dever distinguir com elogio, tão pouco prezada ella é pela maioria dos poetas novos, de não recorrer a *três de conceitos*, a acrobatismos grotescos de linguagem, a *trouças* rancosas de palavras mais ou menos berrantes, para exprimir os seus sentimentos e os seus pensamentos.

O poeta do *Nós* colhe, limpida e serena, a ideia que vai moldar em versos espontaneos, claros, sem esquinas, sem curvas rapidas, e é por isso que esses versos são bellos, e os lêmos experimentando a impressão d'uma magica rythmada em murmurios, sem altos, doce e bemfazeja como as linhas harmoniosas da natureza.

Ruskin, o estheta delicadissimo, ha pouco ido d'este mundo, apostolava com aquella eloquencia que só dimana da verdade, que não ha arte onde não ha singeleza. Ora, dizia, o estheta santo, — se vêdes escriptores, poetas, pintores, esculptores, que não são simples, nem singelos nas suas obras, ficae sabendo que não são artistas. Serão homens de engenho, de intelligencia, de trabalho, mas a arte não está n'elles, porque não nasceu com elles. A natureza, a Artista-Mãe, é simples. E só d'ella nos pôde vir a arte, sendo simples. Do contrario, a arte seria uma

sciencia, uma industria, o que seria ridiculo

Os artistas, que não são simples, que nos não commovem *imediatamente*, assemelham-se aos quinquilheiros chinezes, que podem asombrar nos pela quantidade de paciencia e de trabalho gastos, mas não podem commover ninguém. A arte chineza é uma arte que qualquer executa com paciencia e methodo, pode agradar aos olhos, mas não consegue falar á alma, nem ao coração.

Afonso Gayo segue, talvez sem o saber, o preceito admiravel do grande apostolo da Belleza. Ser simples é ser verdadeiro; e a Arte só existe na Verdade.

Aquelle que nos der a verdade, esse será artista, immaculado e puro. *Nós* deu-nos esta impressão, e fez-nos recordar as maximas de Ruskin, o estheta santo.

O novo livro de *Afonso Gayo* merece da critica intelligente um applauso caloroso. Reage contra processos de arte que tendiam a prostituir a linguagem, affogando-a n'uma escuridão obsoleta de gongorismos mofentos, e afirma com decidida galhardia quanto o poeta, sendo artista, lucra em ser sincero, sentido, convicto, verdadeiro, — pois que só assim o poeta é humano e digno de respeito.

A RELIQUIA

Opera portugueza em 4 actos do maestro Antonio Gonçalves da Silva Taborada,
letra de João Carlos Pinto Ferreira

Nos dias 21 e 23 do corrente representou-se pela primeira vez no theatrinho do *Club de Lisboa*, no Largo do Calvario, a opera *Reliquia*, emprehendimento que muito honra a direcção do mesmo *club* pelo incentivo e estímulo que tem creado aos compositores. Com esta é a terceira opera, inteiramente e genuinamente portugueza que ali se tem cantado. As outras partituras jazem empoceiradas nas prateleiras d'alguma estante velha encobrinho os verdadeiros primores que encerram.

A *Reliquia* foi uma affirmação, ou antes uma confirmação brilhantissima do maestro Taborada. Que elle tinha talento, ninguém o ignorava; que elle tinha muito talento, ainda o acreditava a grande maioria dos que de perto o conhecem; mas que elle, que nunca sahio do nosso acanhado meio, sem escola, sem mestres, sem modelos, tivesse folego artistico para produzir uma opera da envergadura da *Reliquia*, a muitos surpreendeu legitimamente. E note-se que o maestro estava naturalmente peiado, porque sabia escrever para amadores que, embora muito distinctos e de rara dedicação, não podem nunca, via de regra, competir com artistas consagrados nos grandes theatros do mundo.

Pois apesar da peia importantissima, a obra de Taborada, absolutamente completa sob o ponto de vista scientifico, é um verdadeiro primor de inspiração, podendo, sem a menor sombra de favor, figurar entre as melhores operas nos grandes theatros lyricos.

No primeiro acto, um quasi nada banal, como em regra os primeiros actos, affirmam-se logo a grande pujança do maestro no cêro inicial, na romanza do barytono, que o sr. Adelino Baptista cantou com um verdadeiro sentimento, e na canção do *basso* a que Paulo de Quental o *virtuose* que de ha muito ganhou as suas esporas d'ouro, imprimiu todo o mimmo que caracteriza a sua individualidade.

No segundo acto, affirmação solemmissima do estro de Taborada, ha de notavel a balada do tenor que o sr. Monteiro disse no seu logar, não podendo a execução ser tal como este amator desejaria por isso que, só por um acto de dedicação quasi sobrenatural, foi cantar n'essas noites, com a garganta em estado lastimoso. Depois a romanza de Paulo do Quental, e por ultimo a *Ace Maria* cantada pela sr.^a D. Laura Callado Nunes com um mimmo, uma emoção e suavidade tal que o auditorio selectissimo a applaudiu de veras e justamente. Bastava este numero para fazer a reputação de Taborada como compositor e como escriptor. Inspiradissimo, rico de suaves melodias, tem uma instrumentação verdadeiramente clas-

sica, em que não ha despeitos nem deficiencias, e que é por isso mesmo uma obra prima.

O terceiro acto, onde a acção se desenvolve por completo, é incontestavelmente o melhor, o mais bello, aquelle em que, em cheio, o maestro se affirmou incondicionalmente. Não se podem escolher numeros n'esse acto, tão completo elle é, tão bem feito está. É grande, é empolgante todo elle. Desde a scena que permittiu á sr.^a D. Delphina Victor affirmar o seu grande talento e disposição para a scena lyrica por isso que possui uma boa voz de meio soprano, bem posta, facil e muito equal, até ao grandioso e extraordinario concertante final em que o espectador está profundamente impressionado; Taborada espalhou com prodigiosas mãos em todo este acto os thesouros do seu talento privilegiado, da sua inspiração de artista de raça e da sua sciencia de escriptor. Porque ali tudo foi feito por elle. Escreveu a partitura de piano pelo seu proprio punho e pelo seu proprio punho a instrumentação para orchestra, revelando os seus profundos conhecimentos de harmonia e contra-ponto, porque ninguém faz melhor, nem mais inspirado e im-peccavel!

Do quarto acto destacaremos o *brinde* que, como numero solto, é talvez o melhor de toda a opera. Um verdadeiro encanto em que o maestro soube traduzir brilhantemente nas sete notas da gamma os multiplos sentimentos que as palavras do libretto exigiam, desde as phrases repassadas d'amor e ternura, até aos estonteamentos da embriaguez pelo vinho. Ha n'esse brinde um não sei que de grandiosidade, e de phantastico simultaneamente, que encanta, que entusiasma e que commove.

É pouco o espaço e temos que nos restringir, não concluindo porém sem menção especial ainda á romanza de *basso* que Paulo do Quental disse e cantou magistralmente.

A nossa gravura representa o final do 4.^o acto com todos os interpretes.

Os cêros de senhoras e homens compostos de amadores e a orchestra tambem quasi toda de amadores, portaram-se como artistas.

A Guilherme Ribeiro, o illustre professor do Conservatorio de Lisboa, coube a tarefa de ensaiar toda a opera. Cabe-lhe um bravo pelo modo porque o fez.

E com o ultimo elogio a Taborada pomos ponto final.

C. B. F.



A *Reliquia*, cantada no *Club do Calvario*. — Final do 4.^o acto

BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Textos e capa: Companhia Nacional Editora

Lago do Conde Barão, 50

Páginas supplementares: Off. Estevão Nunes & F.ª

Rua d'Assumpção, 18 e 24

Romance: Typographia Castanheira

Calçada de S. Francisco, 13

Directores: Augusto de Castello, Jayme Victor, Lorjô Tavares

Editor

Luiz Antonio Sanches

Redacção e administração—Rua Ivens, 35

LISBOA

Endereço telegraphico—BRATUOAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	4\$000	Anno.....	8\$000
Numero avulso (moeda brasileira).....	2\$500	6 meses.....	4\$500
		3 meses.....	2\$800
		Numero avulso.....	\$500

SUMMARY

Chronica electrica—Brasil-Portugal.

Soneto—Povos Junior.

Dia no campo—Guilherme Gama. Illustrações de A. Moraes

A Penitenciaria de Lisboa—Arnaldo Fonseca.

Notas da Quinquena—Alfredo Mesquita.

O Incendio na rua de Bellomonte (Porto).

Cenariario do Descobrimento do Brasil.

O cruzador D. Carlos no Rio de Janeiro—Chegada do general Francisco Maria da Cunha. Illustrações de A. Moraes.

Primavera—versos do Conde de Monsanto. Illustrações de A. Moraes.

Francisco Zinha Pereira da Costa.

José Maria d'Andrade.

Theatros—Abel Botelho. Illustrações de A. Pina.

Bibliographia.

A Reliquia—Opera portugueza. C. B. F.

Páginas supplementares

Numero Extraordinario—Apreciação da imprensa.

Almanach illustrado do Brasil-Portugal.

Descobrimento do Brasil.

Horas de Ocio—F. A. de Mattos.

Scientia Poeti.

30 IL. U.º TRACOEES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO—(Agencia Central dos Estados do Sul). Coronel Theodoro Pupo de Moraes e José Martins Fello, Rua da Alfândega, 4. sobrado.

PERNAMBUCO—A. Leopoldo da Silveira.

PARAÍ—J. B. dos Santos & C.ª (Livraria Classica)—Rua João Alfredo, 39.

MANAÓS—Lino Aguiar & C.ª

MARANHÃO—Leocadio J. de Medeiros & C.ª

CEARA—Salles Torres & C.ª

BAHIA—José Luiz da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães)—Rua Dirceu do Palácio, 23

PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).

PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).

RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana)—Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

BOÍAMA (Guiné)—Cesar A. Gonvela da Silva Romão, Theoucreiro geral da Provincia.

MOSSAMEDES—José Maria Pereira, escrivão e tabelião.

QUELLIMANE—Henrique Lima.

BENGUELLA (Egypto)—Mathews & Tavares.

No Continente

POBTO—(Agente geral no Porto e no norte.) Antonio Doute Fernandes, Rua de Camões, 11, A. 2.ª

EVORA—(Agente geral em Evora e no Sul.) Luis Freire Correia, director da fabricação dos tabacos.

BEJAVENTE—J. N. S. Carvalho.

PONTE DE LIMA—Gama, Amarel & Com.ª.

COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1.ª

NUMERO EXTRAORDINARIO

Apreciação da imprensa

Brasil-Portugal.

«Escrive-nos o nosso correspondente de Paris:

«Em commemoração do 4.º centenario do descobrimento do Brasil, os nossos amigos Jayme Victor, Lorjô Tavares e Augusto de Castello, publicaram um bello Numero Extraordinario da sua excellente revista *Brasil-Portugal*, numero que é um verdadeiro primor, quer sob o ponto de vista litterario, quer sob o ponto de vista artistico.

Além dos mappas historicos, todos elles completamente ineditos, que neste numero vêm, devo igualmente destacar os preciosos trabalhos litterarios de homens eminentes, tanto de Portugal como do Brasil, os retratos dos principaes poetas, prosadores e jornalistas brasileiros e portuguezes.

Posso affirmar, sem receio de cair em exagero, que este numero unico do *Brasil-Portugal* é um dos melhores que se têm publicado no genero.

De resto, é quasi inutil offeço esse volume em que collaboram todos os membros da Academia de Lettras do Rio de Janeiro e tantos dos mais distinctos poetas do norte d'esse Brasil, onde a poesia tomou de anno para anno um logar tão eminente e tão grande.

Neste mesmo numero especial vem a reproducção do celebre quadro de Pedro Americo Paes e Concoridia, que hoje se encontra no Salon, da praça Breteuil, e que é um dos melhores trabalhos do celebre artista brasileiro, roman-

cista e philosopho ao mesmo tempo, que muitos o consideram a *Leonardo de Vinci* do Brasil. Muito curiosa tambem a reproducção do gabinete de trabalho do dr. Campos Salles, presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil.»

(Do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro).

Brasil-Portugal.

Por hoje, e como quer que tenhamos sobre a mesa o Numero Extraordinario do *Brasil-Portugal*, commemorativo da descoberta da America, seja-nos permitido sobre elle discreatear um pouco, tanto mais que alguma coisa representa, materialmente, sob o ponto de vista do progresso alcançado pelas artes graphicas em Portugal, e muito, intellectualmente, nas relações mutuaes dos dois povos irmãos.

De facto, no breve espaço de 113 paginas, commquanto de grande formato, os nomes mais festejados nas Artes e nas Litteraturas de Portugal e do Brasil vêm alternados, sendo o effeito do conjunto o mais consolador, enquanto a nós, Para brasileiros e portuguezes, pois é o caso de dizer que um mesmo nivel de intellectualidade comporta a uns e outros—e esse nivel não seria facilmente excedido por outras nacionalidades.

Consubstanciando, a impressão recebida é de que o *Brasil-Portugal*, no seu exclusivismo lusobrasileiro, quer materialmente, quer litteraria e artisticamente, chega onde tem chegado a mais completas publicações congeneres estrangeiras.

Magnifico o papel, cuidada a impressão, bellas, por vezes, as gravuras e sempre d'uma feliz escolha, variado o conteúdo e elegante o continente: desde a aquarella da capa até ao *Crepusculo*, que é fecho do precioso fasciculo, uma sensação agradável e sempre crescente nos acompanha ao manuseal-o. E a nós se nos affigura que a chave d'esta sensação está na alliança intelligentemente estabelecida d'esse punhado de nomes portuguezes e brasileiros, representativos da escola de dois meios artisticos, por igual — estreitos em uns limites, não ha duvida, mas onde verdadeiros talentos sobressahem victoriosos.

Partes generalidades de um certo interesse, em todo o caso, quo preciosa não é a colleção das gravuras dos monumentos a Alvares Cabral, assignadas por Bernardelli, Simões d'Almeida, Teixeira Lopes, e ainda por Costa Motta e Gonçalves da Silva! Observadas uma a uma e depois, no seu conjunto, como a impressão realta

Provem os preciosos Vinhos
de Adriano Ramos Pinto

de homogeneidade de inventiva e de enthusiasmo nos dois povos que uma historia, durante tantos annos commum, bastaria para ligar pela tradiçao, se o mais forte de todos os laços, o da intellectualidade, não continuasse ainda hoje a ligal-os indissoluvelmente.

Aparte o engenho, que, como é natural, mais abunda n'um do que n'outros projectos, sente-se bem que o mesmo sunço e a mesma alma esculpim em todos a figura homérica do descobridor! Sobretudo tomando os trabalhos de Bernardelli e de Teixeira Lopes, dois verdadeiros genios que tantos pontos de afinidade offercem, a impresso recobida é de que o mesmo sentimento patriótico os impulsionou aos dois e, como quer que em ambos a inspiração se libra em actos de pujante arrojo, como patriotas ou como artistas, não ha desculpabil-os, como não ha a gente pronunciar-se sobre a obra de qualquer d'estes em separado. Sobre as de ambos sim: duas obras-primas!

Villaça, o delicado pintor portuguez, entre paisagens do seu pai, que tambem é o nosso, dá-nos uns deliciosos quadinhos de costumes brasileiros, outros de paisagens, tambem de cá, como os desenhos *Gavia e Praia de Karahy*; podendo bem o seu *Volta da Ponte* figurar ao lado do quadro de Amodeo, a pag. 61, sem que mutuamente se prejudiquem os trabalhos dos dois artistas, aliás mui diversos na maneira, mas por igual interessantes e tão felizes na concepção como fiéis na execução das respectivas obras.

Como documentos historicos, além da curiosa collecção de assignaturas, por «fac-simile», dos principaes navegadores portuguezes e monarchas quaes correspondem ás epochas das grandes descobertas, insere o *Brasil-Portugal* uma serie verdadeiramente preciosa de mappaes diversos relacionada com a epopeia portugueza, alguns dos quaes se haviam conservado até hoje inditos e condemnados a ficarem eternamente no pó das bibliothecas. É uma inunhação, esta, que, só por si, tornaria recommendavel aos estudos o magnifico volume de que tratamos.

Mas, por Deus, onde nós deixaríamos arrastar-se tentarmos dar ao leitor uma idea precisa do que elle é e do que elle vale!

Sem o menor intuito de reclamo traçamos estas linhas, que deverão ser tomadas tão somente como gostoso desabafo perante o muito alcançado pelos iniciadores da publicação que n'este seu numero commemorativo firma bem alto, repetimos, o nivel artistico e litterario de Portugal e do Brasil de hoje, extramundo de entre os benemeritos collaboradores do *Brasil-Portugal*, Augusto Pina, um novo cheio de boa vontade e de talento, a quem cabe a disposição artistica do jornal, que por vezes o abruhanta em pequeninas vinhetas e, finalmente, lhe assigna a aquarella da capa.

Litterariamente vimos no summario quantos nomes a fama tem immortalizado nos dois paizes, afora outros de nome e que ficam nos primeiros passos. Assim a ethnographia, a linguistica, a psychologia, as viagens, a medicina tudo subordinado, mais ou menos, á idea basica da publicação, isto é, referente ou a factos da descoberta que se celebra ou a coisas da vida do Brasil de hoje, são sabiamente tratadas, ao passo que a litteratura, propriamente dita, é com carinho e Arte cultivada.

E senão, que nos sirva de fecho o soneto de Silvio Rêgo, prezado e conhecido de todos pela primeira do *Brasil-Portugal*, e celebrativo do descobrimento como padrao, de sua propria natureza indicado, dos primeiros que, repetimos, florescem quaes mallemeques por essa primavera riudente, de sol e de talento, que vem a ser a brochura de que tratamos:

Os vencidos do sonho

Quantos foram ficando no caminho
— Noveis sem noivas para lhes reinar!
Quando o meu velho coração aberto
Que a luz, a noite, a vida, a vida, a vida!

Astrôz veio, a tancor devagarinho,
Olhos de noivas que ali vão cego,
E cinco estrelas pontas em alinho,
A cruz da grande sephora — O Mar!

Mas a Morte não fez parar a vida
A tempore que a vida
Pela ausência de um povo que se expande.

O destino cumpriu-se. O chiaro fundo
Das Mães poran. Fica o Gêro. As mudo
Que importam mortos, quando um sonho é grande?

T. M.

(Da *Folha do Norte*, de Belem do Pará).

Brasil-Portugal, revista quinzenal illustrada, publicada em Lisboa.

O numero que temos presente consagrado a commemoração do centenário da descoberta do Brasil é edição extraordinaria e tem 111 paginas de texto, intercalado de magnificas illustrações, que tornam cada vez mais recommendavel a formosa Revista.

O nosso confrade sr. Antonio Brazão, redactor representante do *Brasil-Portugal*, veiu visitar-nos trazer-nos o exemplar de que nos occupamos e que é um primor no genero.

Este numero encontra-se tambem á venda para as pessoas que não sejam assignantes e queiram conservar tão boa recordação do centenário, nas diferentes livrarias e no Restaurant Coelho, estando n'esta casa, encarregado da venda dos Numeros Extraordinarios o conhecido Vieira dos cravos.

(De *O Pará*, do Pará).

Brasil-Portugal, a deliciosa Revista, mimosecric no das mais finas produções litterarias.

O numero que temos á mão é consagrado á commemoração do centenário do descobrimento do Brasil, edição feita com arte e talento.

Traz na primeira pagina, em photogruva, os membros da commissão dos festejos commemorativos do 4.º centenário e em seguida autographos de Cabral, Gama, Afonso de Albuquerque, etc., e dois bellissimos retratos — um do rei de Portugal, D. Carlos, outro do presidente Campos Salles.

Ao lado da primorosa concepção artistica, onde o gosto se revela original educado, fino, leve, gracioso, delicado a gente, está a parte litteraria, vibrante, rutila, a despedir fulgurações de estylo, n'uma linguagem correcta, agradabilissima e impressionista.

Um delicioso mimo a Revista.
(Da *República*, de Belem do Pará).

Brasil-Portugal. — O nosso confrade Antonio Brazão veiu pessoalmente nos fazer entrega de um exemplar de um numero extraordinario da esplendida Revista *Brasil-Portugal*.

Esse numero é commemorativo do quarto centenário do descobrimento do Brasil.

Na capa traz um bellissimo chromo, e tem 112 paginas de variado texto, intercalado de magnificas gravuras.

Estas vem como em numero algum, profusões e escolhidas, dando-nos um album de raro valor artistico.

«Ao lado da effigie e da assignatura autographa dos antigos monarchas e dos arrojados navegadores, a par da reproducção fill das caravelas e dos galeões que dentro das sua velas batidas das tempestades levavam a alma da patria, a par de tantos outros documentos de valor — são palavras que, extrahidas do *antiquary* das sumptuosas publicações, para em synthese dizermos em linguagem mais autorizada o que é esse brilhante successo da imprensa portugueza, e contestavelmente um dos mais duradouros e dos mais brilhantes elementos da commemoração, que em ambos os paizes servidos pelo idioma camoneano se celebra este anno.

Ainda não livresmos sobre a banca um opusculo do mesmo genero, com o titulo de *antiquary* da tradiçao, no lado de um texto que, sem a minima hyperbole, é o testemunho solenne da pujancia intellectual dos dois povos irmãos na actualidade.

As gravuras são em numero superior a 130; fac-simile de assignaturas, estatuas e monumentos, illustrações, mappaes e documentos, retratos, etc. São retratos, ha cincuenta e tres, notando-se os de: Luis Azevedo, Pedro Americo, Ferreira de Araujo, os irmãos Bernardelli, Olavo Bilac, Quintino Bocayuvo, Saldanha da Gama, Vasco da Gama, Deoduro, Carlos Gomes, D. João VI, Coelho Netto, D. Pedro I, D. Pedro II, Floriano Peixoto, Sylvio Romero, etc.

Agradecemos penhorados.

(De *A Provincia do Pará*, de Belem do Pará).

Foi-nos hontem offerecido pelo nosso estimado collega Antonio Brazão — gentileza que agradecemos — o Numero commemorativo da brilhante Revista, e que constitue, nas festas do centenário uma tocante homenagem de alem-mar do paiz irmão, cuja alma pulsa isochrona com a nossa.

É um bello numero, esse, contendo, além de um texto primorosamente feito, e onde collaboram nomes consagrados da litteratura portugueza e brasileira, excellentes illustrações allusivas ao glorioso feito, effigies e assignaturas autographicas de Afonso de Albuquerque, el-rei D. Carlos, infante D. Henrique, D. João II, D. João VI, D. Manuel, D. Pedro I, D. Pedro II, etc., reproducção das caravelas e dos galeões que tomaram parte na ingente descoberta, mappaes seculares, documentos historicos de incomparavel valor, etc.

O trabalho material da factura é da Companhia Nacional Editora.

Este Numero Extraordinario que a empreza do *Brasil-Portugal* offerce como brinde nos seus assignantes do 1.º anno, e cuja assignatura recommendamos com interesse, encontra-se á venda avulsa no Restaurant Coelho, estando encarregado d'esse serviço o conhecido Vieira, dos cravos, empregado n'esse mesmo restaurant.

Assim que o nosso collega Antonio Brazão consiga despachar d'alhandega um dos numeros que deixaram de ser entregues pelo motivo das medidas sanitarias, serão immediatamente collocados em casa dos assignantes, juntamente com o respectivo brinde, tendo os srs. assignantes o mesmo direito de receber gratuitamente o Numero Extraordinario.

(Da *Folha do Norte*, de Belem do Pará).

Brasil-Portugal

Referimo nos ha dias ao Numero *Extraordinario* que a empreza d'esta Revista publicou em commemoração do 4.º centenário do descobrimento do Brasil e que está sendo distribuido aos assignantes como brinde. Justo é que façamos mais larga referencia a esse album precioso que honra sobremaneira os seus directores e mostra á sociedade o adiantamento das artes graphicas de Portugal. Póde, sem contestação, considerarse o primeiro trabalho que se publicou por occasião das festas, pela nitidez e disposição artistica, pela variedade de gravuras e artigos, pelos nomes que n'ella figuram, e pela novidade de mappaes e dados completamente desconhecidos entre nós.

É um album completo englobando como que a historia dos paizes irmanados e que ficará como um monumento.

Basta folheal-o para se avaliar o trabalho colossal de investigação a que procederam os seus directores e as difficuldades que terão vencido para reunirem tantos e tão variados elementos, todos interessantissimos e de uma capital importancia no momento que atravessamos.

São dignos de menção: a carta do Brasil, de Fernão Vaz Dourado, feita em 1571, e que nunca fill reproduzida; um mappa de navegação atlantica, do seculo XVII; o mappa-mundo, de Sebastian Münster, de 1514; a carta de Gaspar Viegas, de 1534; a carta de Alberto Cantino, de 1501, a mais antiga que se conhece a notiffissimamente; o livro dos copos da ordem de S. Thiago, em que se vê o retrato de D. João II, unico que é considerado como authentic.

Insero todos os projectos de monumentos a Alvares Cabral, desenhos originaes e quadros de diversos pintores brasileiros e portuguezes, grande numero de gravuras de valiosos proeminentes nas armas, nas letras, um grupo dos membros da commissão commemorativa do Rio de Janeiro, estampas de vasos de guerra da nossa marinha. Em prosa e verso dos principaes escriptores das duas nações, notamos os nomes do arcebispo de Evora, bispo conde (de Coimbra) bispo do Porto, Theophilo Braga, Guerra Junqueiro, Candido de Figueiredo, Valentim Magalhães, Ramalho Ortigo, Theozas Ribeiro, conde de Sabugosa, Mattos dos Santos, Paulino de Brito (do Pará), Afonso Celso, Antonio Freijó, Gomes Leal, conde de Monaraz (Macedo Paopapa) José Penha e outros.

É, em resumo, um livro de alto valor que por si se recomenda e que o director do *Brasil-Portugal*, nosso prezado collega Lôrjô Tavares que ao nosso paiz veio para representar a sua bella patria nas festas do Centenario, está fazendo distribuir como brinde.

Elle basta para consolidar os credits da esplendida publicação e seriedade da empreza que se não poupa a sacrificios. Póde dizer-se sem errar que o *Brasil-Portugal* entrou desafogadamente no caminho das grandes illustrações europeas, e que constantemente rivalisa com ellas.

(Da *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro).

Almanach illustrado do BRASIL-PORTUGAL

SCIENCIA FACIL

HORAS DE OCIO

Acusando a recepção d'este bello almanach, diz o *Correio Mercantil*, de Pelotas:

«A empresa da notavel Revista *Brasil-Portuga* que se publica em Lisboa sob a direcção de Augusto de Castello, Jayme Victor e Lôrjô Tavares, e que tão conhecida é em todo o Brasil, acaba de publicar o *Almanach* que tem aquelle titulo, e do qual agradeceremos o exemplar que temos a vista.

É uma verdadeira novidade litteraria e artistica, um livro interessantissimo, em papel de luxo, com mais de 150 paginas, 200 gravuras, folhinha portugueza e brasileira, com originalissimo juizo do anno, primorosa capa a cores do pintor portuguez A. Ramalho, collaboração e retratos de escriptores portuguezes e brasileiros, caricaturas, aneddotas, indicações uteis aos dois paizes, contos, modas, etc.

Esta novidade litteraria que acaba de fazer grande sensação em Portugal, custa apenas... 28000 réis da nossa moeda, nas livrarias e na agencia do *Brasil-Portuga*, que é a Livraria Americana dos srs. Carlos Pinto & C., Succesores.»

DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Telegrammas enviados pelo Papa e pelos soberanos da Italia e da Allemanha, ao presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

De Sua Santidade o Papa Leão XIII:

«Nas vespéras das festas sollemnes do 4.º centenario do descobrimento do Brasil, nós tambem, que guardamos excellentre recordação de vossa recente visita, apressamo-nos em vos apresentar, sr. presidente, as nossas mais vivas felicitações, com os melhores votos pela prosperidade da nação brasileira, á qual dedicamos uma affeição toda especial.

Nesta occasião enviamos com toda a effusão de coração a nossa benção apostolica a v. ex., ao vosso governo, aos Estados confederados e a todo o povo brasileiro.»

Do imperador da Allemanha:

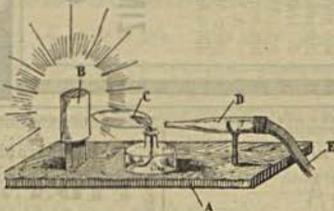
«No dia de hoje, em que commemoamos o descobrimento do Brasil, é-me grato apresentar a v. ex. a expressão da minha distincta sympathia e dos meus votos cordeaes pela felicidade e progresso da nação amiga, que tão dignamente representa.» — *Gultherme.*

«Roma, 3 de maio. — Sr. presidente dos Estados Unidos do Brasil — Rio — Celebrando hoje o Brasil o 4.º centenario do seu descobrimento, peço, como interprete dos sentimentos do meu povo, que deseja associar-se ás manifestações d'esse feliz acontecimento, queira v. ex. aceitar as minhas felicitações e os votos que faço pela prosperidade de uma nação á qual a Italia está ligada por laços de inteira e cordéal amizade.» — *Humberto.*

Construção d'uma lampada oxyhydrica

Quando se dirige a chamma d'um maçarico oxyhydrico sobre um cylindro de caluina, de magnesio ou de zinco, este corpo é levado á incandescencia e apresenta uma luz tão brilhante como a do arco voltaico; e esta a chamada «luz Drummond» e é muito utilizada em experiencias de optica e em projecções. Como não é possível a muitos amadores arranjar um maçarico, vamos ensinar a maneira de, sem elles e sem hydrogênio, arranjar uma d'estas lampadas, que dá resultados satisfactorios.

N'uma prancheta (A) está installado um cylindro de caluina (B) e uma lampada d'alcool (C) em frente de cuja mecha está a extremidade afilada d'um tubo (D) do qual se faz chegar por meio d'um outro tubo de borracha (E) uma corrente de oxygeno. Este gaz pode ser preparado pelos processos que já indicamos e conserva-se n'um gazometro qualquer.



Graças ao jacto de oxygeno, o alcool arde completamente e a sua chamma, adquirindo um grande calor, vai incidir sobre o cylindro de cal e leva-o á incandescencia.

No caso de se querer aproveitar esta luz para projecções basta metter a prancheta com os seus accessorios dentro d'uma caixa de lata com uma chaminé ou mesmo dentro d'uma lanterna de projecções.

Misturas refrigerantes

Por meio d'estas misturas pode-se obter gelo com grande facilidade. A mais empregada de todas é a mistura de sulfato de sodio e acido sulfúrico; procede-se do seguinte modo:

Toma-se um vaso de grés de fórma cylindrica e deitam-se n'elle 100 grammas de acido sulfúrico do commercio. Juntam-se depois 50 grammas de agua e 300 grammas de sulfato de sodio; introduz-se no meio d'esta mistura um pequeno recipiente contendo agua, cobre-se tudo, e no fim de um certo tempo tem-se ha agua completamente transformada em gelo.

Com as outras misturas procede-se da mesma fórma.

Charadas novissimas

Tanta riqueza faz mal debaixo da terra — 2, 1.
O patrão quando o enterroum estava triste — 2, 3.
Na Hespanha este meu parente é um grande poeta — 1, 2.
Do Mondego é dono um peião — 1, 2.
Celas nenhuma village o que mola sobre as aguas — 2, 1.
Na embarcação é noturno a fórma de governo — 1, 3.
Na Europa nota a mulher á tra mulher — 1, 7, 2.
Esta planta pode matar este homem — 2, 1.
Encantadora provincia do Brasil — 2, 1.

Charadas em verso

Son medida estranha zira 1 2
De longe provincia sua 1 3
Uma esphera aqui temos 1 3
Na sciencia se emprou 1 3

Se precisas conceito
Esta humilde charada,
Busca na geometria
E te-a ha decifrada.

Isolada não sou boa,
diz dos homens a justiça;
mas em teu bozo uma vogal
a mist. e faço cob. — 1

Entre os povos sempre existi
com varia e acção,
segundo as raças, os genios,
o saber e a educação. — 3

Mas o todo, é coisa erabe!
quem o quizer possuir
pede a outrem que lh'o tire,
embora não seja rico!
Porém, quando me mandarem
vir, que ha tanto peço,
esta fúria agradeço
dizendo: gratias, chico.

Charada por anteposição

Primeira e segunda — mulher
Segunda e primeira — mulher 1 2

R. L. ad.

Logogrifo

(POR LETRAS)

Povoação de Portugal — 1, 6, 7, 7.
Pode ser minerio — 7, 3, 2, 4.

Esta ilha abandonada
a America é usada.

Enigmas

Sacerdote atheniense não tem ordens.
Onde está o santo?

A. C. F.

MAR

MAR

Q

1900

POLITICO

De cifras do n.º 23 do BRASIL-PORTUGAL

Das charadas em verso — *Adrylo, Argola.*
Das charadas novissimas — *Armandillo, Aquino, Fabula,*
Legajo, Fachada, Avoucar.
Das charadas adicionais — *Pantofas.*
Das charadas em quadro — *Reto-Reto, Lava-Açar.*
Das enigmas — *Torrei-Torrei, Lobo, Aquamar.*

F. A. de Mattos.

MANOEL CANICEIRO DA COSTA

CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR

O mais antigo estabelecimento do norte do Brasil

Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

Grande Deposito

De materias para construção civil e naval

RUA DA INDUSTRIA, 124 — PARÁ

FORTOÏNE

Antidoto contra a diarrheia

Remedio seguro contra as diarrheas de toda especie e o catarrho intestinal, chimico ou tuberculoso.

A **FORTOÏNE** provoca uma dilataçao dos vasos abdominaes que provoca a nutricao da mucosa intestinal; e pois bem diferente das preparaçoes de acido tannico e representa um remedio infallivel. Alem d'isso a **FORTOÏNE** possui qualidades antisepticas e bactericidas muito notaveis.

A biographia (Overlach) Centraebblatt fur in- nere Medicine 1900 n. 10 ficam gratuitamente a disposiçao dos ex.^{mos} medicos.

VEREINIGTE CHIMINFABRIKEN

ZIMMER & C. = FRANCFORT S. M.

Agente em Portugal

GERMÃO A. FERREIRA

RUA DE S. NICOLAU, 12, 1.º — LISBOA



As mais lidas de Portugal

Uso interno — Estomago, gota, reumatismo articular, diabetes.
Uso externo — Rumatismo, gota, sciatica, DOENÇAS UTERINAS, etc.

HOTEIS e CASINO

Installações as mais confortaveis e completas de Portugal
ESTABELECIMENTO ABRE EM 15 DE MAIO E FECHA EM 15 DE OUTUBRO

Correspondencia:

GERENTE — **CUCOS**
TORRES VEDRAS

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira & C.ª

Successores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.ª

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANAÓS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrae o **Vinho Ventura**, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescências, nas digestões difficiles, enfraquecimentos, etc.

Como tonico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

Ao Bazar da Indústria

TAVEIRA BARBOZA & C.ª

R. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42 — Caixa Postal n.º 487 — BRASIL — PARÁ

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papelarias, livros em branco, chapéus, harmonicas, cordas para violão, Resalças, Caixas de musica, Roupas feitas, perfumarias, brinquedos. Camisas de piagem, blusas, artigos para presentes.

GRAND RAYON DE MIUDEZAS

O systema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Indústria.

Vendas por atacado e a retalho

Photographia FIDANZA

PARÁ

Rua Conselheiro João Alfredo, 22

O mais antigo e acreditado estabelecimento do

Norte do Brasil

premiado nas exposições de Paris e Chicago.

Nítidez, perfeição e arte

COMPANHIA S. Vicente de Cabo Verde

Sociedade anónima

Capital Rs. 525.000000

em

acções de reis 500000 cada uma

Mede social: Lisboa

12, Largo de S. Julião

Comitê de Direcção em Londres

4 Fenchurch Alley

de Cabo Verde, das minas d'Alfândega.

— A maior rapidez no embarque.

Endereços telegraphicos:

Codex used — Mindello-Lisboa.

a. b. c. Scotts — Mindello-Londres.

and «Watkins — Mindello S. Vicente,

Administrador delegado

Antonio Julio Machado

Basto e
Qualidade
Ver e
Confortar

ARMAZEM DE FAZENDAS

DO

ZÉ POVINHO

28, Largo de S. Domingos, 30

PORTO

Devoir-se
e dinheiro aos
compradores
que julgarem não
ter
feito boa compra
n'esta casa

O proprietario d'este estabelecimento continua a prevenir o publico em geral que não com- pre nenhum artigo sem verem o sortimento de preços baratos porque não vendidos e existentes no seu estabelecimento Para as quaes se pedio toda a attenção. — JOSÉ MARIA SIMÕES.

COMPANHIA INDUSTRIAL PRODUCTORA

DE

PAPEIS PINTADOS

Sociedade Anonyma Responsabilidade Limitada

Parte do papel empregado n'esta revista é fabricado na Companhia Industrial Productora de Papeis Pintados.

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada. Premiada em todas as exposições a que tem concorrido.

Fornecedora da Companhia Nacional Editora e das principais lithographias e typographias do paiz.

ENDEÇO TELEGRAPHICO

NUMERO TELEPHONICO

PAPEIS — LISBOA

878

Papeis para forrar casas, papeis de luxo e ordinarios, impressos e estampados, fingidos, envernizados, vincados, e c.

Papeis marmoreados, percalinados e de lustro, para cartonagens e involucros, etiquetas e rotulos.

Papeis couchés, para typographia, lithographia e photogravuras.

SÉDE E DEPOSITO GERAL

Rua de S. Sebastião da Pedreira, 25 e 27



PROVAE OS DELICIOSOS
VINHOS DO PORTO

DE

Constantino Almeida

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasas. Consultorio de 1.º ordem á

RUA DO CARMO, 35, 1.º

(CHIADO)

“O PANHOLA,”

J. A. CRUZ & IRMÃO

Especialidade em generos alimeticos.

RUA ITAMARACÁ

Manãos

ENXOVAES

LOJA DA AMERICA
ARTHUR D'OLIVEIRA & GARCIA
ROUPARIA BRANCA

LISBOA—206, Rua do Ouro, 208—Rua d'Assumpção, 92, a 96—LISBOA

CASA BANCARIA

SOB A FIRMA DE

FONSEGAS, SANTOS & VIANNA

SUCCURSAL NO PORTO

RINTO DA FONSEGA & IRMÃO

139, RUA DAS FLORES, 139

Socios: Francisco Iaidoro Vianna, Carlos Ferreira dos Santos Silva, Joaquim Pinto da Fonseca Junior, Manuel Pinto da Fonseca e Francisco da Silva Vianna.

Toma e fornece saques, e dá cartas de credito sobre as principaes cidades e villas de Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemantia e do paiz.

Compra e vende fundos publicos nacionaes e estrangeiros, acções e obrigações de Bancos e Companhias.

Recebe depositos em conta corrente a juro convencional á vista ou a prazo.

Toma letras, fornece saques, cartas de credito e ordens telegraphicas sobre: Rio de Janeiro, Santos, S. Paulo, Campinas, Pará e Maranhão.

Effectua operações de transferencia sobre as principaes terras do Reino.

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C. — Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 223

Trabalho em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photographias. Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

Agua da Fonte Nova

TOR. ES. VEDRAS

Esta extraordinaria agua, já bastante conhecida em Portugal, Gales e Brasil, e applicada com exito resultando nas doenças do estomago, indigestão, etc., tem a grande vantagem de estar distillada de Libanos puros e de primeira qualidade. Depozita-se na loja de Peninhamar, Barros & C., Rua Augusta, n.º 39 e 41, e Rua dos Alfaretes, n.º 124 e 126.

Companhia PHENIX PERNAMBUCANA

(Seguros maritimos e terrestres)

ESTABELECIDA EM 1870

DIRECTORIA

Luz Duprat, José Joaquim Dias Fernandes, Dr. Manuel Gomes de Mattos

Séde: RECIFE Rua do Commercio 46—PERNAMBUCO

LA UNION Y EL PHENIX ESPAÑOL

Capital social 2.000.000.000 rs.

15.000.000.000 réis

De dividendos pagos desde 1904 até 1905

PREMIO E RESERVAS 2.993.000.000

Seguros contra incendio, exploração de gas

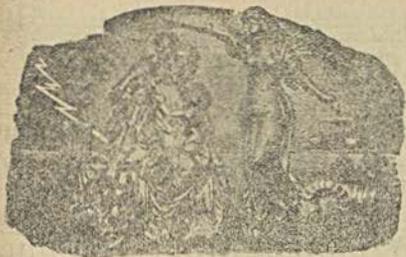
ou salo

Equateur Atlantique & Union Maritime

Companhias Francesas contra os riscos marítimos e riscos de transporte de qualquer natureza.

DIRECTORES — Lima Meyer & Filhos

LISBOA — Rua de S. Paulo, 22, 1.º



Garantia da Amazonia

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

DIRECTORIA

João Gualberto da Costa e Cunha

PRESIDENTE

M. S. Cruz Junior, secretario
Dr. Firmo Braga, medico
Dez. Ernesto A. V. Chaves, advogado
consulter

João Ventura Ferreira, thesoureiro interior
Joaquim Antonio de Amorim, gerente
José Simão da Costa, secretario

PARÁ, BRASIL

ESTADO FINANCEIRO EM 1.º DE JANEIRO DE 1899

Seguros propostos	Rs. 45.812.000\$000
Seguros em vigor	» 37.402.000\$000
Retida	» 3.079.985\$718
Reservas de resseguro	» 1.275.176\$349
Sinistros pagos	» 319.539\$870
Sobras	» 245.511\$969
Aplices emitidas	» 2\$149

Esta poderosa Sociedade em seu primeiro periodo social, recebeu maior numero de propostas, effectuou maior somma de negocios, emittiu maior quantidade de aplices, realiso maior receita, separou maior reserva, levou a conta de seus segurados maior verba de sobras, ao passo que, relativamente, dispendeu menos com a sua administração, e teve menos sinistros do que qualquer companhia o genere do mundo, no mesmo espaço de tempo, em relação aos negocios realizados.

A GARANTIA DA AMAZONIA é hoje a primeira companhia de seguros de vida da America do Sul!

ASSOCIAÇÃO

DOS

EMPREGADOS NO COMMERCIO

DO

RIO DE JANEIRO

(Exclusiva para o pessoal do commercio)

FUNDADA EM 1880

Séde provisoria: Rua do Rosario, n.º 97

Séde em construção: Rua de Gonçalves Dias, n.º 40

Capital social 900:000\$000

Esta associação, 1.ª no seu genero na America do Sul, conta actualmente um effectivo de 12000 socios, todos do commercio — NEGOCIANTES, CAIXEIROS, GUARDA LIVROS, AJUDANTES, ETC.

E' unica pelos numerosos auxilios que distribue mediante a modica mensalidade de 2000 réis paga em trimestres.

O edificio em construção á Rua Gonçalves Dias estará concluido em 1900 e será um dos mais lindos do Rio de Janeiro, construido especialmente para o fim a que se destina, não terá igual na vasta Republica Brasileira, constituindo pois, uma gloria para a CLASSE COMMERCIAL.

A Administração compõe-se de negociantes, industriaes, caixeiros, guarda-livros e ajudantes, todos muito conhecidos no centro commercial

Convida-se todo o pessoal do commercio do Rio de Janeiro a filiar-se nesta poderosa Associação. Na Secretaria fornecem-se todos os esclarecimentos precisos, quer sobre a admissão, quer sobre as multipas vantagens garantidas.

Regulador da Madre, Beirão

Approved pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doencas proprias das senhoras. Regularisa os fluxos mensaes, quando escassos ou excessivos e allivia as penosas dôres, que quasi sempre os acompanham. Recomenda-se tambem como excellente calmante nos accessos nervosos e hystericos que frequentemente procedem ou acompanham os periodos mensaes.

DEPOSITO

DROGARIA BEIRÃO

DE

CARVALHO LEITE & C.ª

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ



AGUA CARBO GAZOSA
DAS
LOMBADAS



S. Miguel (Açores)

A RAINHA DAS AGUAS DE MESA

LEVE, ESTOMACAL, DIGESTIVA

A mais pura e mais barata, garrafas e rolhas esterilizadas.
Pedir tabellas do preços e condições de venda a Meyrelles
& C., fornecedores da Casa Real Portugueza, e de S. A. S. o Príncipe
Reinante de Monaco.

174, RUA DO ARCO BANDEIRA, 178

LISBOA

DUARTE & C.^a

Representantes de Rocha Silva & C.^a

DO

PARÁ

ARMAZEM DE ESTAMPAS NACIONALES E ESTRANGEIRAS — ESPECIALIDADE EM PRELIMINARES E TITULARES — COMMISSÕES E CONSULTAS

Rua Marechal Deodoro, 5 — MANÁOS



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA — O SR. de Nova de Almeida
qualificações, assim como de outras qualificações e artigos de mon-
eda, fôrta e a primeira em seu genero em servir bem e por pouco
custo. Necessario visitar para saber de melhor esta estabelecimento
em Lisboa.



LA BÉGARRE

F. CARNEIRO & C.^a

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos
para pintura. Pertencem de escriptorio. Objectos artisticos
para brinde. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49 — LISBOA.

AO PALAIS ROYAL

JOIAS

GRANDE BAZAR

MACHINAS DE COSTURA

Variedade de pedras preciosas desde o brilhante de pura agua á mais
modesta amethysta.

Phantasias em adreços e em obras de ouro

A. PINTO DA CUNHA

CAIXA POSTAL, 124

Rua Conselheiro João Alfredo, 91 — PARÁ

New Zealand Store

Casa especial de viveres, molhados finos e mais generos concernentes
a este ramo de negocio

Importação directa

Recebem generos pelos vapores frigorificos.
de Southampton e Rio da Prata

COELHO, DIAS & C.^a

RUA DO OUIDOR, 37

RIO DE JANEIRO

SALÕES E QUARTOS MOBILADOS PARA FAMILIAS



BANHOS Quentes e Frios

Este estabelecimento de primeira ordem, situado no centro de todos os
passeios e linhas de bonás, recommenda-se pela exactidão do seu serviço,
aceio, modicidade em preços e coizinha franceza

HOTEL

SUL-AMERICANO

BAHIA-BRASIL

PROPRIETARIO

Antonio T. Alves



Pacheco Borges & C.^a

Importação

e exportação

Commercio e consignações

Rua 15 de Novembro, 47

PARÁ

Loja Pacheco

DE

Deolindo Pimentel & C.^a

Sortimento completo em fazendas
e artigos de novidade. Chapéus, cal-
çado fino, perfum-rias, roupas feitas
para senhores, homens e creanças.

Caixa postal N.^o 264

Rua da Instalação, 24

Manáos

HOTEL DURAND

English Hotel - Lisboa

1. Rua das Flores - Largo de Quarella
 Este hotel, situado na primeira e mais bonita
 cidade, oferece todos os confortos de uma casa
 de primeira classe.

Pernambuco Powder Factory

FABRICA DE POLVORA

ESCRITORIO

Rua do Commercio, 6

(HERNAN-LINDOEN)

PERNAMBUCO

GRANDE HOTEL METROPOLE

O maior da Capital, construido de accordo com o clima do paiz, e situado
 nas faldas da Colocada.

Passa todas as condições hygienicas e as mais confortavos salas
 e apartamentos para familias e cavalheiros

Gerente

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

131, Rua das Laranjeiras, 131

RIO DE JANEIRO

HOTEL ALLIANÇA

FUNDADO EM 1843



PROPRIETARIOS

Gotuzzo & Agrifoglio

Rua 15 de Novembro - 218

PELOTAS - Estado do Rio Grande do Sul

Brasil

Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e as donas de casas



Para fazer Boa Cozinha

É, pois, isto
boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

A venda
em todas as princi-
pales mercearias
de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

235, Rua dos Fanqueiros - LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Ferman-Jes & C.* - R. da Prata, 282 a 288, Lisboa.
 Jacomyms Martins & F.* - R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
 José Afonso Viana & C.* - Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
 R. D. de Campos - R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
 Alves Diniz, Irmãos & C.* - R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.
 Seb. Corrêa Saratva Lima - R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

CONSULTAS
Das 8 da manhã
às 6 da tarde

JOAQUIM CEZAR PAIVA
Cirurgião-Dentista

CONSULTAS
Gratis aos pobres
Das 11 às 12

Diplomado pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

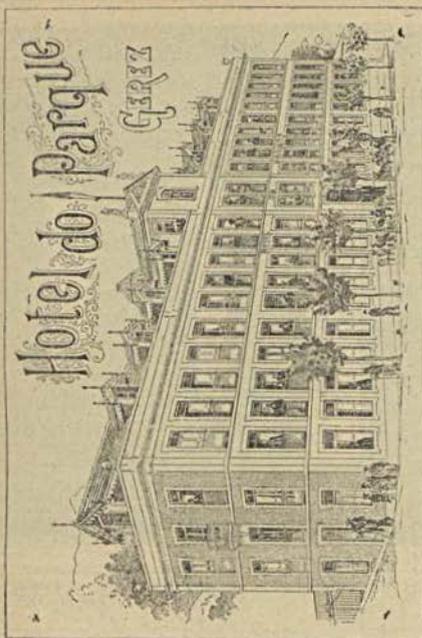
Especialista no tratamento de doenças de bocca e das maxillares

Rua da Palma, 40, 1.

NUNES & NUNES Cambios e Papéis de Crédito

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: DOISNUNES

93, RUA DO OURO, 97 - LISBOA



A Formosa Paraense



Estabelecimento de modas e miudezas, com

Importação

directa dos mercados europeus.

Fundado em 1864

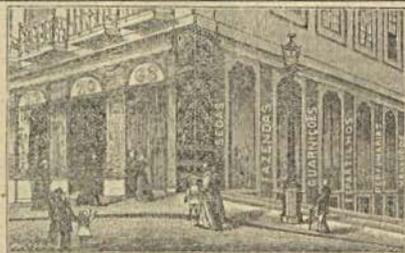
Corrêa Miranda & C.^a

R. Conselheiro João Alfredo, 67

PARÁ

SANTOS & MAGALHÃES
PAPELARIA E TYPOGRAPHIA
 ARTIGOS DE ESCRITORIO
 Trabalhos typographicos em todos os generos
OFFICINA A VAPOR
 10-RUA DA PRATA-12
 LISBOA

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de vestidos e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa

CERCLE COMMERCIAL

Santos & Côrtes

Caixa postal n.º 459

O primeiro hotel de Manhós. Quartos luxuosos e com todas as condições hygienicas. SO SE ALUGAM a cavalheiros, ou a familias.

RESTAURANT

Unica casa no genero. Vinhos de todas as procedencias do mundo. Refeições a qualquer hora, dia e noite.

Serviço de banquetes

Cozinha aprimorada.

O estabelecimento possui barbearia, casas de banhos e bilhares.

RUA DA INSTALAÇÃO, 3

MANHÓS



Coimbra & C.
FABRICANTES DE CALÇADO

Fornecedores da Casa Real

e das principaes casas de Portugal

EXPORTADORES para a AFRICA E BRASIL

humana e crianças nas FILIAES)

Rua do Principe, 124 — Rua Nova do Carmo, 94

Officinas — R. do Jardim do Regedor, 33 a 44 — LISBOA



**VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO**
Premiados nas exposições
de
LONDRES, 1862; PORTO, 1865 E PARIS, 1867 E 1878

ANTIGA CASA
João Eduardo dos Santos
Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem
ser considerados genuínos e autênticos, quando
tiverem nos rotulos, capsulas, rolinhas, caixas ou cascos, a marca de
commercio registrada, de que uso.

E' VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR - Porto.

Soares Irmão & C.^a

MATRIZ CASA HAVANEZA Rua da Installação, 7 Vendas por grosso	Importação directa de todas as pragas Caixa postal n.º 42 Ender. teleg. HAVANEZA MANÁOS	FILIAL O Barreiro Elegante Rua Municipal, 28 Vendas a Varejo
--	--	--

Permanentemente deposito de charutos, cigarros
e fumos de todas as procedencias.

Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos
para fumantes. Miudezas.

Completo sortido em artigos para homens
e em objectos para viagem. Especialistas em
roupa branca portugueza. Perfumarias.

Casa de liquidações
Rua Marechal Doodoro, 6-A
Manáos

PROPRIETARIO
Francisco Lucas de Almeida

Casa por demais conhecida. Não
precisa de reclamos, para se saber
que é a unica em especialidade de
artigos para homens, tais como cha-
pous de palha e feltro, calçado fino,
camisas, meias, gravatas, etc.
Deposito permanente de bebidas
nacionais, charutos e gôndulas sa-
nantes.

Castro Matta & Irmão
CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações
Especialidade em vinhos e azeites
Portuguezes
ENDER. TELEGR. 'ALDA'
C. do Corriol 312

PARÁ

R. 15 de Novembro, 16

GABINETE HYDROTHERAPICO

no DR. RUI FERREIS SANTOS
e J. BENEITE D'ALMEIDA.
Instalação hydrotherapica completa, duas
salas de banho para homens e mulheres, inte-
ramente separadas e independentes, gabinete
banho de electricidade e massagens.
Tratamento de doenças nervosas e do esto-
mago.
Aberto das 9 da manhã, 5 da tarde.
Entrada: C. do Duque, 20
C. DA GLORIA, 15 - LINHOA

AMAZONENSE

DIRECTORIA

Presidente — Coronel Antonio de Miranda Araújo
Secretario — Alfredo Bastos
Gerente — Alberto Moreira Junior
Medico-Chefe — Dr. Menezio Quadros
Banqueiro — Banco do Amazonas

Caixa Postal
290**UNIÃO PARAENSE**Ender. teleg.
UNIÃO

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Séde: Pará — BRASIL — T. da Industria, 13

DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira	Secretario — Constantino Quadros de Car- valho
Vice-presidente — José Marques Braga	
Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade	
Medico — Dr. Luciano Castro	

GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA

Companhia de Seguros

SOBRE A VIDA

Séde social: Rua Municipal, 68 — MANÁOS

Telephone n.º 230 Caixa Postal n.º 66-A Ender. Teleg. AMAZONAS

Unica com séde no Estado do Amazonas
Unica que paga sempre os seus sinistros
imediatamente após a exhibição
das provas legais
Unica sociedade em que os segurados
participam dos lucros
Unica em que os habitantes do Amazonas e
devem fazer seguros



Agencia Financial

DE
PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

6A

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THEOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concehlos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

A RESTAURAÇÃO

DE



Deposito de fogos para salto
Fartuhas,
vinhos finos e communs

A via frincho para vapores
e para o
interior do Estado

Gonçalves & C.

MERCEARIA, BOTEQUIM E FUMOS

Casa especialista em bebidas e conservas estrangeiras: Importação directa: Comissões e consignações: Caixa postal, 190.

Instalação, 8 — Manhães

VIUVA WENCESLAU GUIMARÃES & C. A

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.º 272

R. da Alfandega, 83

RIO DE JANEIRO

Gambios
Loterias
Papeis
do credito

JOAO VIERLING & C.ª

LISBOA

R. do Arsenal
44 E 46
P. do Municipio
1. 2 e 3

Cezar A. Paiva

CIRURGIÃO DENTISTA

DE
SUAS Magestades e Altezas

CONSULTORIO

Rua do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

Este hotel tendo passado por
grandes reformas, dispõe de
excellente e accommodações
para familias e viajantes

Quartos para banho,
mornos e de chova

ENCOMENDAS PARA FÓIA

Banquetes, almoços e jantares particulares.



HOTEL DE FRANCE

Porto Alegre

270, RUA DOS ANDARAES, 270

João Pedro Bourdette

Livraria moderna PEREIRA & SILVA

PARA — R. Cons.º João Alfredo, 23

Letura amena

Sortimento completo de livros de litteratura, directo, instrução, etc.

PREFERENCIAS DE ESCRITÓRIO

Preços sem competencia

Endereço telegraphico Moderna.

ALVES DINIZ & IRMÃO

R. DE S. JULIÃO, 82 e 103

Negociantes de generos colonias

Consumo e reexportação

Tambem recebem consignações de conta alheia.

VINHOS DO PORTO

Marca registrada

SANTOS JUNIOR. PORTO

Esta fundada em
1872

Premiada com os primeiros premios em todas as exposições.

FABRICA DE MACHOS

A. C. DE MATTOS

A primeira do Amazonas
Vende modicidade todos os artigos para sapatarias e carruagens.

Rua Installação, 10

Mandos

Consultorio Dentario

DOENÇAS DE BOCCA E DENTES

Saturio Augusto Paiva

Cirurgião dentista
pela Escola de Paris

80, 2.º — Rua de Santa Justa — 80, 2.º

Consultas gratis aos pobres, das 10 ás 11 da manhã

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/4 % de 1 a 9 annos. Depósitos: accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo 3 1/4 % á ordem e 3 1/2 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 % á 6 e 4 1/2 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.